

CAVALO
BRANCO



O Rei do Mundo

RENE GUENON

O Rei do Mundo

Porque o Homem está à beira, talvez, do maior acontecimento da sua história milenária, porque possa já de seus pés no limiar desse admirável Mundo Novo tão celebrado pelos bardos da esperança ou pelas sibilas do futuro, é hoje possível dizerem-se certas coisas. Coisas espantosas, sem dúvida, mas que, por si só, sançam tantas soluções de continuidade no processo evolutivo e desentrolam o indispensável xfilo de ariadne no labirinto de tantos factos abstruções, até agora inexplicáveis.

Desde sempre certos mistérios passíveis de serem profanados com a sua revelação pública, apenas se sussurravam aos ouvidos de alguns raros privilegiados, e ainda que inscritos a letras de fogo nas páginas dos livros sagrados de todas as tradições, o seu sentido permanecia velado aos profanos, pois que só o espírito é vivo debaixo da letra que mata.

O mistério do Rei do Mundo fora já afiorado, modernamente, com Saint-Yves d'Alveyda, com Ossendowski, com Riviera e alguns outros conspícuos autores, e o livro «A Terra Oculta», de Raymond Bernard, faz uma série de considerações, as mais oportunas, acerca desse reino subterrâneo, encerrado dos horizontes perfeitos, o mundo de Agartha e a sua capital, a misteriosa cidade de Shamballah, sede do Rei do Mundo.

O ilustre saboteiro René Guénon (que teve por Mestre um famoso Rabi) oferece-nos um conspecto geral dos transcendentes problemas que se referem a Agartha e ao Rei do Mundo, e um dado recoberto, em definitivo, desta obra extraordinária de erudição, ainda que profundamente assimilável, o da existência duma tradição inequívoca, no espaço e no tempo, constituída pelo testemunho colectivo e que se radica como prova de consenso universal. Existe uma «Terra Santa», uma «Terra de Salomão», protótipo de todas as terras santas e poderoso Centro de irradiação cósmica, centro zelosamente guardado pelas genuínas Confrarias iniciáticas, de quem a Sabedoria Oculta dos Templários é exemplo manifestado ao Inatulado como Rei «Guardião da Terra Santa».

Ora, a identidade e concordância das tradições que da sua universalidade, decorre, naturalmente, a ideia da existência duma

Fonte Única, original, que expressa, na linguagem hierática de todas as tradições e através dos seus símbolos, lendas e mitos, a realidade dessa misteriosa «Terra Santa» e do seu Chefe Supremo, conhecido na Índia como o Jagrat-Dwipa.

Contudo, este Ser Supremo possui outros nomes, porque as suas funções são múltiplas e complexas. Assim, como Soberano Oculto das seres da Terra, é denominado pelos Tibetanos como o Rygden-Dyepa. Como o Senhor Supremo das Ordens Secretas autenticamente iniciáticas, isto é, do âmbito solar, ele é Malki-Tsedek, pois que todas as Ordens iniciáticas dimanam duma Ordem primordial, a Ordem do Malki-Tsedek.

Mas Malki-Tsedek, na sua dupla função de Soberano e Pontífice é, na realidade, o fútero, o alfa e o ómega de toda a evolução em processo em nosso globo, como organizador supremo das instituições humanas, de todas as civilizações, dado que determina os seus biótipos, as suas formas arquétipais. E alguns dirigentes humanos, os que na verdade servem os planos da Ideação Arcânica, são efectivamente expressões, directas ou indirectas, da sua vontade, como Manifestação Ideoplástica do Homem Cósmico que é.

Como o afirma Parasara a Malini, no Vishnu-Purana: «coroado e exaltado pelas próprias cousas e pelos seres celestes que eternamente honram as suas virtudes ex-celsas, encontra-se o Mantenedor do Mundo. Ele detém as Forças Cósmicas. Ele torna possível a existência do nosso Globo. Ou, como o ouviu da boca do seu Guru o grande místico e erudito Jean Marquês de Rivière, autor da obra «A L'Ombre des Manastères Théostatiques»: «... agora meu filho, no silêncio de todas as coisas existe um mistério muito mais profundo que tudo o mais. Sabeis que coisa sobre a Terra, e muito acima dela, o Lama dos Lamas. Acuslo diante do qual o próprio Trachilama se prosterna no maior das reverências. Aquela a quem chamamos o Senhor dos Três Mundos. Mas seu reino terrestre mantém-se neutro à visão dos homens...»

Mas nada melhor do que adiarmos a leitura atenta do magistral livro de René Guénon. Não há dúvida de que os tempos são chegados. A luz existe conquanto ainda esteja sob o alívore. É hora de que comecemos a iluminar-nos o Caminho e os seus mistérios.

INDICE

	Page
I. Noções sobre a «Agarttha» na Ocidente	9
II. Realiza e Pontificando	15
III. A «Shaktinai» e «Midyatna»	20
IV. As três funções supremas	41
V. O simbolismo da Graça	55
VI. «Mokti-Tandeq»	53
VII. «Lax» na a morada da immortalidade	78
VIII. O centro supremo oculto durante a «Kali-Yaga» ...	81
IX. O «Onophora» e os bellos	92
X. Nomes e representações simbólicas dos centros espirituais	111
XI. Localização dos centros espirituais	119
XII. Algumas conclusões	137

I

NOÇÕES SOBRE A «AGARTHA» NO OCIDENTE

A obra póstuma de Saint-Yves de Alveydre, intitulada «Missão da Índia» que se publicou em 1910, contém a descrição de um centro iniciático misterioso, designado pelo nome de «Agartha». Muitos leitores desse livro supuseram-no um relato, simplesmente imaginário, que não se baseava em nada de real. Com efeito, há nele, se se quiser tomar tudo a letra, inverossimilhanças que poderiam, pelo menos para quem se atém às aparências exteriores, justificar tal apreciação. E, sem dúvida, o seu autor, Saint-Yves, devia ter boas razões para ele próprio não publicar essa obra, escrita há muito tempo, e que não estava realmente concluída. Por outro lado, até aí não fora feita na Europa alusão à «Agartha» e ao seu chefe, Brahmâimã, senão por um escritor, Louis Jacolliot, cuja autoridade não é possível invocar.

Pela nossa parte, pensamos que este tivesse ouvido realmente falar nessas coisas, durante a sua estadia na Índia, mas retocou-as, como ao resto, à sua maneira eminentemente fantasista. Mas em 1924, deu-se um acontecimento novo e até algo inesperado: o livro *Animais, Homens e Deuses*, no qual Ferdinand Ossendowski conta as peripécias de uma viagem movimentada, que fez em 1920 e 1921, através da Ásia Central, e que contém, sobretudo na última parte, relatos quase idênticos aos de Saint-Yves e o barulho feito em torno desse livro constitui, segundo julgamos, uma oportunidade propícia para quebrar, enfim, o silêncio sobre a questão da «Agarthas».

Naturalmente, espíritos cépticos ou mal intencionados não deixaram de acusar Ossendowski de ter, pura e simplesmente, plagiado Saint-Yves e de rebater, apoiados nesse pretexto, todas as passagens concordantes das duas obras. De facto, há um grande número dessas passagens que apresenta, até em alguns pormenores, uma semelhança singular e surpreendente. Em primeiro lugar, há o que podia parecer o mais inverosímil no próprio Saint-Yves, queremos dizer, a afirmação da existência de um mundo subterrâneo, estendendo as suas ramificações por toda a parte, sob os Continentes e até sob os Oceanos, e pelas quais se estabelecem invisíveis comunicações entre todas as regiões da Terra.

Porém, Ossendowski não reclama para si esta afirmação, e declara mesmo que não sabe o que pensar a tal respeito, atribuindo-a a diversos personagens que encontrou durante a sua viagem. Há também a respeito de outros pontos mais particulares, a passagem em que o «Rei do Mundo» é representado diante do túmulo do seu antecessor, aquele que é a origem dos Boémios, que teriam vivido, outrora, na «Agartha» (1) e de outros mais. Saint-Yves diz que há ocasiões, durante a celebração subterrânea dos «Mistérios Cósmicos», em que os viajantes, que se encontram no deserto, param e em que os próprios animais ficam silenciosos (2).

Ossendowski afirma que assistiu a um desses momentos de recolhimento geral. Há, sobretudo, uma coincidência estranha — a história de uma ilha desaparecida onde viviam homens e animais extraordinários. Aí, Saint-Yves cita o resumo do pêniplo de Iambule, enquanto Ossendowski fala da viagem de um antigo budista do Nepal. Todavia as suas descrições são muito diferentes. Se, realmente, existem dessa história duas versões, prove-

(1) Deveremos dizer, a propósito disto, que a existência de povos «em tribulação», de que os Boémios são um dos exemplos mais impressionantes e evidentes, é realmente qualquer coisa de bastante misterioso e que engina ser comparada com alguma coisa.

(2) O dr. Arturo Reginal faz notar que isso podia ter esta relação com o temor panico (o terror pánico) dos antigos. De facto, essa comparação parece-nos extremamente verossímil.

nientes de origens tão afastadas uma da outra, poderia ser interessante encontrá-las, para as comparar, com cuidado.

Devemos assinalar todas estas comparações, mas temos também de dizer que elas não nos convencem, de forma alguma, da realidade do plágio. De resto, a nossa intenção não é entrar numa discussão que, no fundo, só nos interessa mediocrementemente. Independentemente dos testemunhos que Ossendowski indica, sabemos de outras fontes que os relatos desse género são uma coisa vulgar na Mongólia e em toda a Ásia Central. E acrescentaremos que existe algo de semelhante nas tradições de quase todos os povos.

Por outro lado, se Ossendowski tivesse copiado, em parte, a «Missão da Índia», não vemos por que teria omitido certas passagens, nem porque teria mudado a grafia de algumas palavras, escrevendo, por exemplo, *Aghartti*, em vez de *Agarttha*, o que, pelo contrário, se explica muito bem se ele obteve de fonte mongol as informações que Saint-Yves tinha obtido de fonte hindu, pois, pelo que sabemos, ele relacionou-se com dois Hindus, pelo menos⁽¹⁾. Nem compreendemos porque teria ele

(1) Os adversários de Ossendowski quiseram explicar o mesmo facto, pretendendo que ele tivera nas suas mãos uma tradução russa da «Missão da Índia», tradução cuja existência é mais do que problemática, visto que os herdeiros de Saint-Yves a desconhecem completamente. Recriaram também Ossendowski

empregado, para designar o chefe da hierarquia iniciática, o título de *Rei do Mundo*, que não figura em parte alguma do livro de Saint-Yves.

Mesmo admitindo algumas hipóteses, não se poderia ir mais longe do que Ossendowski, que por vezes diz coisas que não têm equivalência na «Missão da Índia» e que são daquelas que ele não pode de certo inventar totalmente, visto que, mais preocupado com política do que com ideias e doutrinas e ignorante de tudo o tocante ao esoterismo, foi incapaz de discernir o seu exacto alcance. Tal é, por exemplo, a história de uma «pedra negra», enviada outrora pelo «Rei do Mundo» ao Dalai-Lama, depois transportada para Ourga, na Mongólia, que desapareceu há cerca de cem anos (*).

Ora, em inúmeras tradições, as «pedras negras» representam um papel importante, desde aquela que era o símbolo de Cibele, até a que está imbutida na Kaabah, de Meca (**). Eis outro exemplo: o

por escrever: Ora, enquanto Saint-Yves escreve: *Amra*, Ora se *Amra* é a representação do monoteísmo sagrado, reconposto nos seus elementos constitutivos, Ora é, no entanto, a transição correcta, que corresponde à pronúncia exacta, tal como existe, tanto na Índia, como no Tibete e na Mongólia. Este parágrafo é o suficiente para se avaliar a competência de certos críticos.

(*) Ossendowski, ignorando tratar-se de um símbolo, procura explicar certos fenómenos, como o aparecimento de caracteres no seu superficial, supondo que seja uma espécie de ardósia.

(**) Haveria talvez aqui uma curiosa aproximação a fazer com o *lapport arctique*, pedra caída do céu, e na qual as inscrições apareceriam igualmente em certas circunstâncias, que é identificada

Bogdo-Khan, ou «Buda Vivos», que se encontra em Ourga, conserva, entre outras coisas preciosas, o anel de Gengis-Khan, no qual está gravada uma *swastika*, e uma placa de cobre que possui o sinete do «Rei do Mundo».

Ao que parece, Ossendowski não teria podido ver senão o primeiro daqueles objectos. Não poderia ter-lhe acudido ao espírito falar de uma placa de ouro?

Estas poucas observações preliminares são suficientes para o que nos propomos, porque pretendemos permanecer estranhos a qualquer polémica e discussão entre pessoas.

Se citamos Ossendowski e até Saint-Yves é unicamente porque o que ambos afirmam pode servir de ponto de partida para considerações que nada têm a ver com o que poderá pensar-se de um e de outro, e cujo alcance ultrapassa singularmente as suas individualidades, bem como a nossa, que não deve contar, nesse domínio. Não queremos entregar-nos, a propósito das suas obras, a uma «crítica de textos», mais ou menos inútil, mas naturalmente

no *Grail*, na versão de Wolfram de Eschenbach. O que torna o caso mais curioso é que, segundo essa mesma versão, o *Grail* foi finalmente levado para o «reino do Presde João», que alguns querem precisamente comparar à Mongólia, embora nenhuma localidade genérica possa ser aqui acerto literalmente.

trazer uns cacos que a todos não foram dados, em parte alguma pelo menos que sahemos e que em certa medida, são susceptíveis de a clarear e esclarecer aquilo a que Wassenowski chama o «Mistério dos Mistérios».

Podemos supprehender a esse respeito apenas que alguns pretendem fazer passar esse livro, por um esboço do livro de uma personalidade cuja existência nos era conhecida por desconfiança, e a epoca em que os devíamos conhecer e nesse sua forma de mentado a qualquer outra assensão, dando que que possa vir por e se com exclusivamente a mente do que de duvidas, que pertencem ao humanismo e a mente e que com amente, cada um a ver com qualquer possibilidade de

II

REALIDADE E PONTIFICADO

O título de «Rei do Mundo», tomada na sua acepção mais elevada, mais completa e, ao mesmo tempo mais rigorosa, aplica-se propriamente a *Manu*, o Legislador primordial e universal cuo nome se encontra sob diversas formas, em grande numero de povos antigos. Lembremos apenas, a esse respeito, o *Mina* ou *Menés*, dos Egípcios, o *Mina*, dos Chitas, e o *Minos* dos Gregos (*). Além desse nome não desajna de modo algum, um personagem histórico ou mais ou menos, lendário. O que designa, na realidade, é um pontepio, a Inteligência cósmica que reflecte a Luz espiritual pura e formula a Lei (*Dharma*), conveniente ás condições do nosso

* Entre os Gregos, *Minos* era, ao mesmo tempo, o Legislador dos Vénis e o Deus dos Mortos. Na tradição hindu essas duas funções pertencem, respectivamente, a *Manu* e a *Vishnu*. Mas estes são representados como duas faces da mesma moeda, que se trata do desdobramento de um princípio único, encarado sob dois aspectos diferentes.

mando ou do nosso conhecimento e ao mesmo tempo o arquétipo do Jyoti, consagrado espiritualmente enquanto se manifesta (em sânscrito, *manava*).

Por outro lado, o que importa essencialmente salientar aqui, é que esse princípio pode ser manifestado por um centro espiritual, estabelecido no mundo terrestre por via da organização encarregada de conservar integralmente o depósito da tradição sagrada de origem atemporal humana (*Apaurushya*, pela qual a Sabedoria primordial se comunica através das idades, aqueles que são capazes de a receber). O chefe dessa organização, representante por assim dizer do próprio *Mam*, poderá legitimamente usar o título e os atributos dele.

À ên disso, pelo grau de conhecimento que tiver atingido para poder exercer as suas funções, identifica-se realmente com o princípio de que é como que a expressão humana e diante do qual a sua individualidade desaparece.

É este o caso de *Agartha*, se esse centro recolheu como afirma Saint-Yves, a herança da antiga «dinastia soara» (*Sura-dynasty* que residia outrora em *Ayodhyâ*), e que fazia remontar a sua origem a *Varanasi* e o *Mam* do ciclo actual.

Esta sede da «dinastia soara» se a considerar-se «antiquamente» pode aproximar-se da «Cidade Soara» dos Romanos-Cristãos, sem dúvida também da «Cidade do Sol» de Campanella.

Como já dissemos, Saint Yves não considera no entanto, o chefe supremo da *Agartha* como «Rei do Mundo». Apresenta-o como «Soberano Pontífice» e além disso, coloca-o à frente de uma Igreja bramânica, designação que procede de uma concepção um pouco ocidentalizada.¹⁾

Com excepção desta última reserva — o que Saint-Yves afirma, a esse respeito, completa o que por seu lado, Ossendowski diz. Parece que cada um deles viu apenas o aspecto que correspondia mais directamente às suas preocupações dominantes porque, realmente trata-se aqui, de um duplo poder, ao mesmo tempo, sacerdotal e real.

O carácter «pontifical» no sentido mais exacto da palavra pertence realmente, e por excelência ao chefe da hierarquia bramânica, e esse facto exige uma explicação: era mente o *Pontifex* e um construtor de pontes e esse título romano é de certo modo pela sua origem, um título «bramânico». Mas, simbolicamente é quem preenche as funções de

1. Esta denominação de «Igreja Bramânica» nunca foi de facto, empregada na Índia, sendo pelo contrário heterodoxa e contra a tradição de Bramo-Samoi, nascida no princípio do século XVI, sob a influência europeia especialmente protestante e, dada a sua breve existência, tornou-se muito raras, e hoje quase completamente esquecida. É curioso notar que dos dois fundadores dessa Igreja foi o avô do poeta sábio Rabindranath Tagore (1861-1941).

meia-ór, estabelecendo a comunicação entre as
mundos e os mundos superiores.

Com esse título o Anjo é a ponte entre o
e um ar halo na via do Pontífice. Todas as
relações são de significados rectamente con-
cordantes.

Assim nos Hebreus, é a prova da aliança
Deus com o seu povo. Na China é o céu da terra,
do Céu com a Terra. Na Grécia representa a
a emensidade dos deuses. Um pouco por toda a
parte, entre os Escandinavos como entre os Persas
e os Árabes na África Central e até em as povoa-
da America do Norte é a ponte que liga o mundo
sensível ao supra-sensível.

Por outro lado a união de dois pontos espiri-
dotais e reais era representado, entre os Latinos, por
certo aspecto do simbolismo de João Baptista, que
ex remamente complexo e de manifestações
as chaves do ouro e de prata, ambas as chaves do

João Baptista de que a pontificação é a união
logia da palavra é uma espécie de pontificação.
Tertuliano de Momba et Ceteris. O pontífice
indica um termo que é próprio dos Judeus, o
valente do «Pontífice» latino. É a palavra grega
mente «aquele que faz um via» ou «que
ger é o caminho da salvação. Mas a palavra
em número de via e guerra, como a palavra
que por outro lado, constitua também

mentes as coisas nas ações correspondentes. E, para
 conhecer a fundo o país, não se podia deixar de
 conhecer a fundo a história dos Kshatrias e dos
 das Kshatrias e do dos Kshatrias. Mas, como
 da história está o princípio com o qual se
 e, então, foram as suas atribuições e, então,
 e, então, a sua distinção, visto, e, então,
 de como a autoridade legítima em que se
 e, então, se exerce. E os ançãos do A. e, então,
 e, então, o que significa a sua distinção.
 N. T. e M. e, então, havia uma exposição na qual
 dos aspectos complementares da autoridade e, então,
 e, então, e, então, de uma maneira digna e, então,
 Nessa época, talava-se muitas vezes de, então,
 e, então, a que se chamava o «Rei do Mundo»
 João. Era no tempo em que o que se chamava

1. Substituo o nome de «Rei» por «Rei» e, então,
 e, então, e, então, e, então, e, então, e, então,
 e, então, e, então, e, então, e, então, e, então,
 e, então, e, então, e, então, e, então, e, então,

2. Havia a proposta que a origem da história
 M. e, então, e, então, e, então, e, então, e, então,
 e, então, e, então, e, então, e, então, e, então,
 e, então, e, então, e, então, e, então, e, então,

3. Trata-se, portanto, do «Rei do Mundo»
 e, então, e, então, e, então, e, então, e, então,
 e, então, e, então, e, então, e, então, e, então,
 e, então, e, então, e, então, e, então, e, então,
 e, então, e, então, e, então, e, então, e, então,
 e, então, e, então, e, então, e, então, e, então,

designar como a *«Igreja do Oriente»* (em hebraico) em questão era *«Mishnayot»* (em hebraico) e os Nestorianos *«Nestorianos»* (em hebraico) chamavam assim, com razão, a *«Igreja do Oriente»*. E eram estes, precisamente, os que a *«Igreja do Oriente»* o nome de *«Mishnayot»* (em hebraico) e os discípulos de João.

A este respeito, o *«Povo do Oriente»* é uma observação. É claro que os *«Povos do Oriente»* de carácter bastão e *«Igreja do Oriente»* (em hebraico) ou *«Discípulos do Vento da Montanha»*, aos Drusos do Líbano tem, em tomado em ormente o título de *«Guardões da Terra Santa»*. O que segue fará, sem dúvida, compreender melhor o que isso pode significar. Parece que Saint Yves encontrou uma frase mais justa, talvez ainda mais do que julgava, quando nos fala dos *«Templos do*

Georgi-Khan, cuja atacar o *«Povo do Oriente»*, não que este o repulsa, demonstrando o seu *«Povo do Oriente»*. Finalmente, depois das invasões muçulmanas, ele seria representado anteriormente pelo *«Povo do Oriente»*.

(*) Encontraram-se na Ásia Central, particularmente na região do Turquestão, cruzes nestorianas que, como forma, são extremamente semelhantes às cruzes da cavalaria, algumas das quais, além disso, têm ao meio a figura da *«Igreja do Oriente»*. Por outro lado, é de notar que os Nestorianos, cujos vestígios ainda se encontram por toda a parte, tiveram uma acção importante, especialmente em grãfia, nos princípios do século. Por sua vez, os Sabeus exerceram grande influência no mundo árabe, e os dos cantos de Bagdade. Pretende-se também que se refugiaram, depois de uma estada na Pérsia, os últimos neo-piaonios.

Agartha é o ponto de partida da expressão esotérica. Externos que são as interpretações, deve ter seu significado interno, e é assim que a iniciação cavaleiresca se desenvolve, sendo uma iniciação de Kármica, e não que ela seja entre outras coisas, o papel preponderante que ela representa o simbolismo do Amor.

Seja como for, o czar era um personagem ao mesmo tempo sacral e real e Rurik não é mais o vulgar no Ocidente, embora se encontre na própria origem do Cristianismo representado de uma maneira convincente pelos Reis Magos. Mesmo na Idade Média o poder supremo (pelo menos, segundo as aparências exteriores) era dividido entre o Papado e o Império.²

Tal separação pode ser considerada como a marca de uma organização incompleta por cima. Se assim se pode dizer, visto que não se vê aparecer o princípio comum das procedem e dependem regularmente os dois poderes. O verdadeiro poder devia encontrar-se pois, no alto lugar. No Oriente a conservação de tal separação no primeiro lugar da hierarquia é pouco contrária bastante excepcional

Já havia lido esse livro com muita curiosidade mas não tinha tido tempo de lê-lo sobre O Ecoturismo de Ingeborg.

Na Roma antiga, pelo contrário, a Impiedade era, no primeiro tempo, o Póntico abstrato. A teoria mágica dos Caldeus não temia duas realidades, pelo menos em certa medida, bem como a concepção astrológico-mágica de Wang.

e não é senão em certas concepções budistas que se encontra qualquer coisa de semelhante.

Queremos aludir à incompatibilidade conatada entre a função de Buda e a de *Chakravartin* ou «Monarca Universal», quando se diz que *Shakyamuni* teve em dado momento, de escolher entre uma e outra.


Convém acrescentar que a palavra *Chakravartin* que nada tem especificamente de budista, se aplica muito bem, segundo os dados da tradição hindu à função de Manu ou dos seus representantes. Literalmente é aquele que faz girar a roda, quer dizer aquele que concorda no centro de todas as coisas, dirige o movimento, sem ele próprio participar nele, o que significa segundo a expressão de Aristóteles, o «motor imóvel» (1).

Chamemos particularmente a atenção dos leitores para isto. O centro de que se trata é o ponto fixo, que todas as tradições são concordes em designar simbolicamente como o *Pólo* visto que é em redor dele que se dá a rotação do Mundo, representado geralmente pela roda tanto entre os Chineses

(1) Nosso lugar natámoa a analogia que existe entre a concepção de *Chakravartin* e a do Imperador em Daxia ou tratado de *Menciusius* existem mencionar aqui.

(2) A tradição chinesa emprega, num sentido puramente compatível, a expressão de *Chakravartin Manu*. Deve notar-se que segundo o simbolismo chinês, os *Meis* têm sempre a cor da Água.

como entre os Chineses e entre os Indos, o verdadeiro significado da "estrela" que está esbaltado por toda a parte do Extremo Oriente ao Extremo Occidente, e que representa essencialmente o eixo do pólo. Sem dúvida é a primeira vez que se faz aqui na Europa moderna conhecer o seu verdadeiro sentido. Os antigos com os porâmetros de latido tinham tentado inutilmente explicar esse simbolo pelas teorias míticas das estrelas. Muitos deles, a maior parte, dominados por uma ideia fixa, quiseram ver nisso como quasi em toda a parte, um sinal exclusivamente solar, o que se tem atenuado por vezes, mas pouco se sabeo acidentalmente e de uma maneira indirecta.

Essa noção ainda não foi estabelecida no conhecimento da sua. Tivemos ocasião de ver, no antigo Mosteiro das Carmelitas, de Louçã, a cheloa bastante curiosa, que dá um provavelmente da segunda metade do século XV e na qual a figura ocupa o local.  de que é a mesma coisa, um dos lugares mais importantes. Essa obra do padre Fr. João de Camões, que vem da Oriente ligam a família da sua Ordem a El-Rei e a todos os judeus e a alguns outros na Magalhães por seu lado, se liga a São João do padre, mas o que confirma isso sem dúvida nenhuma, e que por isso toda a gente pretenda que eles tinham no lado da da alusão com a aprovação da dos Templários, bem como a da Ordem de São João e a da Ordem dos Cavaleiros de São João da Magalhães, e a da Ordem dos Cavaleiros de São João da Magalhães, de que já falamos numa outra obra. O Estado da Ordem

3. A mesma observação é feita por Paes e Almeida, cujo significado também se indica.

[illegible][illegible]

nas que por outro lado têm uma estreita relação com o tema principal do presente estudo.

Os «intermediários celestes» de que se trata aqui, são a «Shekinah» e «Meratron». Lembremos em primeiro lugar que no sentido mais geral a «Shekinah» é a «presença real» da Divindade. Deve notar-se que as passagens da Escritura onde se faz muito especialmente menção disso, são sobretudo aquelas em que se trata da instituição de um centro espiritual, a construção do Tabernáculo, a edificação dos Templos de Salomão e de Zorobabel.⁽¹⁾ Tal centro, constituído em conformidade regularmente definida devia ser efectivamente o lugar da manifestação divina sempre representada como «Luz» e é curioso observar que a expressão «lugar mais luminoso e mais regular» que a Maçonaria tem conservado, parece ser uma recordação da antiga crença sacerdotal, que presidia à construção dos templos e que de resto, não era particular aos Judeus. Não temos de entrar no desenvolvimento da teoria das «influências espirituais» (poderíamos traduzir a expressão a palavra «bênçãos» para traduzir o hebreu *berakoth*, tanto mais que é este o sentido que tem conservado, bem claramente em árabe a palavra

(1) Salomão, rei de Israel 978-930 a C). Construiu o templo de Jerusalém e foi o autor de três livros do Antigo Testamento: Zorobabel, príncipe de Judá, da casa de David, que trouxe os Judeus ao seu país, depois do cativeiro da Babilónia, escreveu o livro de T.

parado. Mas mesmo cingido-se a essas poucas palavras desse unico ponto de vista, podemos explicar a frase de Elias Levitzky sobre Mr. Villard, na sua obra «A Cabala da Cabala»: «Os mestres da Cabala tem grande segredo acerca desse assunto».

A *Stichonith* apresenta-se sob multiples aspectos, dos quaes dois são principais, um interno e exterior. Mas, por outro lado, existe na tradição uma frase que designa tão claramente quanto possível todos os aspectos da vida da Paz. Deem e em Paz, homin e bono, «homem e Paz». As palavras *Giora* e *Pax* referem-se respectivamente ao aspecto interno em relação a *Tzafra* e ao aspecto externo em relação ao mundo exterior. Se considerarmos assim essas palavras, podemos compreender-se imediatamente por que foram proferidas pelas Anjos *Malak*, para comemorar o nascimento de «Deus conosco» ou *Emmanuel*. Pelo primeiro aspecto podemos também recordar as palavras dos antigos: «A Paz é a deusa da qual é pela que se opera a criação», e a qual existiu e quando a criação se fez encontramos a *Deusa Pax*, a qual nos representa pouco e que, no seu ser, não contém a criação e a vida em si mesma, como em dos arbatos, mas a vida dos centros separados e estabelecidos na terra. Por outro lado, a palavra *Pax* que é central e evidentemente ao hebreu *Shalom*.

traduz-se por «Grande Paz», que é o exacto equivalente da *Paz Profunda*, dos Rosas-Cruz. E, por isto, poder-se-ia sem dúvida explicar o que aqueles ensinam pelo «Templo do Espírito Santo» como também poderia interpretar-se de uma maneira precisa, os inúmeros textos evangélicos, nos quais se fala da «Paz»¹, tanto mais que a «tradução secreta» relativa à *Shakirah* tem alguma relação com a luz do Messias. É sem intenção que Vulliamd quando da esta última indicação, diz que se trata da «tradução» reservada àqueles que perseguem o caminho que vai dar ao *Pardes*. Isto é — como veremos mais adiante — ao cenho espiritual supremo? Isso sugere ainda outra observação análoga. Vulliamd fala, em seguida de um «misterio relativo ao Jubileu» o que se ligaria ao sentido à ideia de *Paz*. e, a propósito cita este texto do *Zohar* III, 52 b: «O rio que sai do Éder tem o nome de *Jubileu* assim como o de *Jehannas* (XVII 8), «Ele estenderá as suas raízes na direcção do no» donde resulta que a «ideia central do Jubileu» é a repetição de todas as coisas no seu estado primitivo. É bem claro que se trata do regresso ao «estado primordial», que todas as tradições consideram e no qual tivemos ocasião de assistir no

¹ Por no mundo está declarado explicitamente no próprio Evangelho que do que se trata não é de uma «paz» ligada ao estado em que o mundo profano se encontra (S. João XIV 27).

nosso estado «O Esoterismo de Dante». E quando acrescentamos que o «regresso de todas as coisas ao seu primeiro estado marcará a era messiânica», os que leram esse estudo poderão recordar o que nós dissemos acerca do «Paraso terrestre» e da «Jerusalém celeste».

Por outro lado, para dizer a verdade, e sempre nas diversas fases da manifestação cíclica o *Perdes*, o centro desse mundo que o simbolismo tradicional de todos os povos compara ao coração, centro do ser humano e «residência divina». Brahma pura na doutrina hindu como o Tabernáculo é a imagem dele e que por tal motivo é denominado em hebreu *mishkan* ou «habitação de Deus» para a cuja raiz é a mesma de *Shekinah*. Debaixo de outro ponto de vista a *Shekinah* é a síntese dos *Septenari*. Ora na árvore sefírica, a «coluna da direita» é o lado da Misericórdia e a «coluna da esquerda» é o lado da Severidade. Temos também de mencionar esses dois aspectos na *Shekinah* e podemos notar logo, para ligar isto ao que precede que pelo menos em certa medida a *Austencade* se identifica com a *Justiça* e a *Misericórdia*.

11. Um símbolo absolutamente novo foi aqui ali e expresso pela figura imortal da «árvore da vida» e dos «arbores» que um novo mundo abrange. Uma palavra bem clara com a ideia da «potência espiritual». E parece ainda que a «árvore sefírica» é também considerada como uma «árvore» com a «árvore da vida».

O REI DO MUNDO

[illegible]

Since the 1980s, the number of people who have been
 killed in the process of the war has increased. The
 number of people who have been killed in the process of the war
 has increased. The number of people who have been killed in the process of the war
 has increased.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100

[illegible]

tações exteriores, moras e ou fendas nas areias
deram lugar desde os tempos do Kant

«A Cabala vê a Shekhinah em profundeza, e representa nomes dentro dos seles que possuem por consequência os mesmos caracteres. E quer ter igualmente tantos aspectos diferentes como a palavra Shekhinah. O seu nome é V. e o seu é esse nome e numericamente equivalente ao de Shekhinah. O «Todo Poderoso» que se designa no nome do Lei de Abraão.

A etimologia da palavra *Wira*, vem da língua
Entre as várias hipóteses que têm sido propostas a esse
respeito uma das mais interessantes é a que a fa-
derivar do calaço *Wira*, que significa "chuva"
e que tem relação para sua raiz celta relacionada com
a "luz". Sendo assim não é de estranhar que a con-
junção com o *Wira* hindu e jorobá, e por isso na
linguagem não suficientemente para admitir que a raiz seja a
próxima do Jorobá e a raiz das palavras estranhas por
que não é dessa maneira e nem por que contém con-
siderar as relações que existem entre as palavras e as
tradições, e diremos outro tanto da raiz da palavra
papel atribuído a chuva em quase todas as culturas
enquanto símbolo da descida das divindades e a
situação do Céu sobre a Terra.

La mobile June t I RF 49-96

2) O número de cada um dos pontos da malha e dos valores das suas coordenadas de x e y .

A propósito assinalo nos que a doutrina hebraica fala de um «corvãno de luz» emanado da «Árvore da Vida» pelo qual se deve operar a ressurreição dos mortos, bem como de uma «efusão de orvalho» que representa a influência celeste a tornar-se-se a todos os mundos o que lembra singularmente o simbolismo alquímico e rosacruziano.

«O vocábulo *Metraton* comporta todas as concepções de guarda de Senhor de enviado de mediador, e o «autor das teofanias no mundo sensível» e «o Anjo da Face» e também «o Príncipe do Mundo» (*Sar ha-diam*) e por esta última designação vê-se que não nos afastamos nada do nosso tema. Para empregar o simbolismo tradicional que já explicámos anteriormente entendemos que como o chefe da hierarquia milânica e o «Polo terrestre» *Metraton* é o «Polo celeste». É este reflexo se naquêle, com o qual está em relação directa segundo o «Eixo do Mundo».

«O seu nome é *Mikael* o Grande Sacerdo» que é holocausto e oferta a Deus». É tudo o que os Israelitas fazem na Terra é consumado, conforme os modelos do que se passa no mundo celeste.

O Grande Pontífice neste mundo simboliza *Mikael* príncipe da Clemência. Em todas as passagens onde a Escritura fala da aparição de *Mikael* trata-se da glória da *Shevitat*. O que se diz aqui dos Israelitas pode ser dito igualmente de todos os povos que possuem uma tradição verdadeiramente orfó-

Convém lembrar que a figura de Afrodite se identifica com Afrodite como a deusa do amor, no entanto ele não representa a sexualidade, aspecto do lado da face luminosa, já que a face obscura está representada por Ares que é amado chamado Sarbadam. Aqui voltamos ao ponto de partida.

Com ele, o, e este último aspecto o Caqueu, a Lameia e que o egípcio do mundo não sentiu do inferior o «*Princeps*» a «*mundus*» e que faz o Evangelho e as suas relações com Metatron do qual é como que a sombra, a significar o emprego de uma mesma designação, a seta do duplo ao mesmo tempo que fazem compreender por que o número apocalíptico 666 o «*número da Besta*» e também um número solar (1). Apesar disso, segundo S. II pólo, o Messias e o Anticristo têm ambos por emblema o leão, que também é um símbolo solar e a mesma observação pode ser feita para a serpente, e para todos os os símbolos. Sobre o ponto de vista cabalístico é ainda das duas lúces opostas do *Mikraon* que se trata aqui. Não temos de alongar nos acerca das teorias que aqui se pode

1 Este número é fornecido apenas para a identificação da obra e não deve ser utilizado para a identificação da obra. A identificação da obra deve ser feita pelo autor e pelo editor.

Os dados relativos a outras 550 famílias foram igualmente analisados pelas duas estratégias de estimação. De acordo com a tabela 1, os resultados das estimativas a partir das duas estratégias são os seguintes: a representação do tráfego a partir da S.O.

O REI DO MUNDO

na formula de uma maneira geral sobre esse duplo sentido dos symbolos, mas diremos apenas que a confusão entre o aspecto luminoso e o aspecto tenebroso constitui propriamente o «satanismo». E é precisamente essa confusão que cometeu involuntariamente, sem duvida e por simples ignorância, o que é uma desculpa, mas nunca uma justificação aqueles que algam descobrir uma significação infernal na designação do «Rei do Mundo».

*) Assinalamos tambem que o «Globo do Mundo», a quem se pode attribuir a monarchia universal, se encontra frequentemente collocado na mão de Cristo, o que demonstra por outro lado que é o emblema, tanto da autoridade espiritual como do poder temporal.

1. The first part of the paper is devoted to a general discussion of the problem.

2. In the second part, we consider the case of a single particle. The results are summarized in the following table:

Parameter	Value
α	0.5
β	1.0
γ	2.0
δ	3.0
ϵ	4.0
ζ	5.0
η	6.0
θ	7.0
ι	8.0
κ	9.0
λ	10.0
μ	11.0
ν	12.0
ξ	13.0
\omicron	14.0
π	15.0
ρ	16.0
σ	17.0
τ	18.0
υ	19.0
ϕ	20.0
χ	21.0
ψ	22.0
ω	23.0
φ	24.0
η	25.0
θ	26.0
ι	27.0
κ	28.0
λ	29.0
μ	30.0
ν	31.0
ξ	32.0
\omicron	33.0
π	34.0
ρ	35.0
σ	36.0
τ	37.0
υ	38.0
ϕ	39.0
χ	40.0
ψ	41.0
ω	42.0
φ	43.0
η	44.0
θ	45.0
ι	46.0
κ	47.0
λ	48.0
μ	49.0
ν	50.0
ξ	51.0
\omicron	52.0
π	53.0
ρ	54.0
σ	55.0
τ	56.0
υ	57.0
ϕ	58.0
χ	59.0
ψ	60.0
ω	61.0
φ	62.0
η	63.0
θ	64.0
ι	65.0
κ	66.0
λ	67.0
μ	68.0
ν	69.0
ξ	70.0
\omicron	71.0
π	72.0
ρ	73.0
σ	74.0
τ	75.0
υ	76.0
ϕ	77.0
χ	78.0
ψ	79.0
ω	80.0
φ	81.0
η	82.0
θ	83.0
ι	84.0
κ	85.0
λ	86.0
μ	87.0
ν	88.0
ξ	89.0
\omicron	90.0
π	91.0
ρ	92.0
σ	93.0
τ	94.0
υ	95.0
ϕ	96.0
χ	97.0
ψ	98.0
ω	99.0
φ	100.0

3. The third part of the paper is devoted to a general discussion of the problem.

todos no nome de *Man* indica precisamente a reflexão da Luz Divina


«O Rei do Mundo — disse um dia a Oshon dowsa. — está em conformidade com os pensamentos de todos aqueles que dirigem o destino da humanidade. Ele conhece as suas intenções e as suas ideias. Se estas agradam a Deus, o Rei do Mundo favorecerá-os a com o seu auxílio. Se se desagradam a Deus, o Rei provocará o seu desaire. Esse poder foi dado a *Ajharth*, pela crença misteriosa de *Om*, palavra pela qual começamos todas as nossas preces». Logo a seguir vem esta frase que, para todos os que têm apenas uma ideia do significado do monossílabo sagrado, deve ser motivo de admiração: «*Om* é o nome de um anjo santo, o primeiro dos *Goros*. Oshonowski escreve *goro* por *gora*, que vale a dizer: «zeitos mil anos». É a frase, com efeito, cabalmente ininteligível se não se pensar nisto a respeito de que se trata — e que nos parece aliás muito de uma maneira muito vaga e muito misteriosa do presente *Man*. Por outro lado, o *Adi Man*, ou primeiro *Man*, do nosso *Kopa* (pena *basuata* o sétimo, e chamado *Suaga ibhu* quer dizer, descendente de *Suaga ibhu*. *Aguaga* subsiste por si mesmo» ou o *Logos* (em *Logos* ou aquele que o representa, que pode ser, na verdade, designado como o primeiro

dos Girls ou «Senhores» espírita, e, efectivamente. Ora, na realidade um nome do Logos (

Por outro lado, a palavra *Om* dá imediatamente a chave da distribuição hierárquica das funções entre o *Brachma* e os seus dois assessores, tal como à adição

Com efeito, segundo a tradição, cada um dos três elementos desse monossílabo sagrado simbolizam respectivamente os «três mundos», aos quais já

Esta nomeação encontra-se, mesmo, de uma maneira bastante surpreendente: a sigla "AM" sendo colocada, no meio entre os blocos que serviram para representar a Cristo, se encontra um que foi considerado mais curto como uma abreviatura de seu Nome que que já existia: o "AM", o que significa também que talvez as duas palavras extraídas do alfabeto grego grego não a origem para significar que o verbo é o princípio e o fim de todas as coisas. Mas na verdade, é ainda mais complexo porque a sigla AM é grega, e não hebraica.

Este sinal  designa que a via é de mão única e que a circulação deve ser feita no sentido da seta verde. Este sinal é colocado no início da via de mão única, antes da primeira intersecção. O sinal de mão única é colocado no início da via de mão única, antes da primeira intersecção. O sinal de mão única é colocado no início da via de mão única, antes da primeira intersecção.

dominos respectivos pertencem ao exterior, apresentando a tração primordial, e assim, no tempo, como se nota a prova da perfeita ortodoxia do Cristianismo a respeito desta.

Naturalmente Oshoncowitch não pôde encarar a todo algum contra-ração desta ordem, mas, se tivesse compreendido certas coisas, mas profundamente como não fez, teria podido notar, pelo menos, a rigorosa analogia existente entre o rádio supremo de Agharta e o do Lamaísmo, tal como o indica o Dalai Lama, a sua santidade ou a pura espiritualidade de Buda, há o Tash, Lama, realçando a sua ciência, não começa como parece crer nas entes teóricas, e o Bogdo Khan, representando a sua força material e guerreira, e exactamente a mesma coisa, segundo os seus mandatos. Foi tanta coisa, podendo fazer essa observação, tanto mais acúmulo quanto he tinham indicado que a capital de Agharta, recorda Lhasa, onde o Dalai Lama e o Potala se encontram, no cume de uma montanha coberta de templos e de mosteiros. Esta maneira de exprimir as coisas e a sua errônea na medida em que conhece as coisas, pois que na realidade é da imagem que se pode dizer que ela recorda o seu protótipo e não o contrário. Ora o centro do Lamaísmo, não pode ser senão uma imagem do verdadeiro Centro do Mundo, mas todos os centros dessa ordem apresentam quanto aos lugares onde estão estabelecidos.

As montanhas e colinas topographicas comunaes que se encontram bem longe de serem habitadas, e de um valor economico poucoavel, e de pouco valor para a agricultura com as lavouras, e as que actuam as elevações espaciaes e de toda a questão que directamente deriva da agricultura, a qual se pode dar o nome de agricultura de sequeiro.

Uma das partes concordantes e não menos notável, São Yves ao descrever os diversos graus ou cartas do horóscopo, é a maneira que estão em relação com as estações e os pontos, referendo-se primeiro à duração das horas do tempo, acaba por dizer que o horóscopo se eleva e o mais próximo do centro misterioso se compõe de doze membros que representam a natureza suprema e correspondem, se não exatamente, à zona zodiacal.

Esta essência distillada encontra-se reproduzida na que se chama o «Conselho circular do Da a. L. e.», formada pelos doze grandes Números da V. e. A. e. e encontra-se também, mais ou menos, em certas tradições accidentais, nomeadamente as que dizem respeito aos «Cavaleiros da Távola Redonda». Dizeis ainda que os doze membros do círculo naxos de Agartha, do ponto de vista da ordem cósmica, não representam sempre sempre os doze signos do Zodíaco, mas também se tentam a dizer antes, embora as duas concepções não se excluem, os doze Ayanas, os doze

O REI DO MUNDO

menos dificilmente acessíveis. A única evolução plausível que pode ser dada a esse aspecto é que, se as descrições se referem a centros diferentes, como parece em certos casos, estes não são por assim dizer, senão emanações de um centro único e supremo, do mesmo modo que todas as tradições particulares não são, em suma, senão adaptações da grande tradição primordial.

V

NOBILÍSSIMO DO GRAAL

Em todas as versões dos «Cavaleiros da Távola Redonda» não será fora de propósito indicar aqui a importância da «Piemada do Graal» que nas 'entadas' da Távola Redonda é apresentada como a sua «palavra mágica». Em todas as tradições faz-se deste «palavra mágica» alguma coisa que, a partir de certa altura, se perde ou oculta: é por exemplo o «palavra mágica» do *Heim* dos Persas, a «palavra mágica» que em precisamente a «palavra mágica» do Graal, visto que a «palavra mágica» do Graal contém o sangue do Graal, e a «palavra mágica» também igualmente a «bebida do Graal». Mas o simbolismo é diferente: a «palavra mágica» do Graal é o que está perdido, o «palavra mágica» do Graal Nome D'Imo, mas a «palavra mágica» do Graal Nome D'Imo é a «palavra mágica» do Graal Nome D'Imo.

Em todas as versões a este respeito, a «Palavra mágica» do Graal é a «palavra mágica» do Graal Nome D'Imo, mas a «palavra mágica» do Graal Nome D'Imo é a «palavra mágica» do Graal Nome D'Imo.

desde então, encerrado na esfera temporal. E a não podia regressar ao por o unco, donde todas as coisas são contempladas sob o aspecto da eternidade. Por outras palavras, a posse do «sentido da eternidade» está ligada ao que todas as tradições denominam como dissemos anteriormente o «estado primitivo», cuja restauração constitui o primeiro período da verdadeira iniciação, sendo a condição premissa da conquista efectiva dos «planos supra-humanos». Além disso, o Paraíso terrestre representa propriamente o «Centro do Mundo» e o que diremos mais adiante, acerca do seu significado da palavra Paraíso, poderá fazer o compreender ainda melhor.

O que se segue pode parecer mais enigmático. Seth conseguiu entrar no Paraíso terrestre e pôde assim recuperar o precioso vaso. Ora o nome de Seth exprime as ideias de fundamento e de estabilidade e por consequência, ainda por assim dizer a restauração da ordem primordial destruída pela queda do homem. Deve-se compreender pois que Seth e aqueles que depois dele possuíam o Graal podiam por isso mesmo estabelecer um plano espiritual destinado a substituir o Paraíso perdido e que era como uma imagem deste. E a posse do Graal representa a consagração ao plano da tradição primordial num centro espiritual vibrante. Aliás, a lenda não diz onde nasceu...

o Graal ou conservado até à época de Cristo. Mas a origem celta que se lhe reconhece deve servir para deixar perceber que os Druidas tinham uma parte n'isso e devem ser contados entre os conservadores regulares da tradição primordial).

A perda do Graal ou de algum dos seus equivalentes simbólicos é em suma a perda da tradição com tudo o que esta comporta. Devesse, para obter a verdade, essa tradição está mais ou menos ao que perdida ou pelo menos não pode estar perdida senão para certos centros secundários, ou que estes deixam de estar em relação directa com o centro supremo. Quanto a este ultimo, guarda sempre intacto o depósito da tradição e não é affectado pelas mudanças que surgem inesperadamente no mundo exterior. Foi assim que, segundo diversos Padres da Igreja e principalmente Santo Agostinho, o dilúvio não pôde atingir o Paraíso terrestre que é a «habitação de Henoch e a Terra dos Santos», e cujo eixo atoca a esfera lunar, não se encontrando senão no domínio da moderação definitivamente ao mundo sub lunar no ponto de com-

«E Henoch marchou com Irmão e já não esperou mais a morte violenta exterior porque Deus o tomou» (Gen. 5, 24). E ali se aliado emão transportado para o Paraíso terrestre. E ali se encontra também outros sábios como Tímat e Calisto, e ali se encontra a «Terra dos Santos» ou «Terra das Virgens» e ali se encontra mais adiante.

a isso, examinar-se deve ser interpretado em termos do
nosso sentido.

Depois do que acabamos de dizer, o Graal é pre-
sente ao mesmo tempo das coisas que são essen-
cialmente solidárias uma com a outra, a saber: que
possa integralmente a tradição primordial, que
chegar ao grau de conhecimento e compreensão que
pudesse essencialmente essa posse está com o mesmo por
isso mesmo, reintegrado na plenitude do actual por
um ideal. A essas duas coisas, estando primordiais
e tradição primordial, refere-se o duplo sentido
que é inerente à própria palavra Graal, porque por
uma dessas assimilações verdadeiras que representam
muitas vezes no simbolismo ou papel do negociante
e é, e que têm aliás razões muito mais profundas
do que, à primeira vista se imaginaria o Graal, e o
mesmo tempo um vaso (grasso), e um vaso (grasso)
do qual o *graduale*, e é a isso aspecto da manifestação
firmemente a tradição, enquanto que o outro di-
respeito mais directamente ao próprio estado.
Não temos a intenção de entrar aqui nos pormenores
secundários da lenda do Santo Graal, se bem
que todos tenham também o valor simbólico de

* Em muitas versões da lenda do Santo Graal, o vaso é
almo essencialmente o cálice usado nos ritos, porque no
então uma inscrição gravada pelo Cristo no momento
o próprio vaso. Isso é a primeira e a última palavra
o altar da vida e que contém a vida e a morte e a
apelo

O REI DO MUNDO

de seguir a história dos «Cavaleiros da Távola Redonda» e das suas proezas. Lembranças por as que a «Távola Redonda», conselheiro peior do Rei Artur (segundo os planos de Merlin) era destina-la a receber o Graal quando um dos Cavaleiros conseguisse conquistá-lo e o tivesse levado da Grã-Bretanha para a Armórica. Essa mesa é, pois,

um símbolo verdadeiramente muito antigo, na de- queles que eslavaram, sempre associados a ideia dos centros espinais, conservadores da radiação a forma circular da mesa está ligada formalmente ao ciclo zodiacal pela presença em volta dela de doze personagens principais (1), particularidade que como dissemos anteriormente se encontra na constelação de todos os centros de que se trata.

Há ainda um símbolo que está ligado ao mesmo aspecto da lenda do Graal e merece uma especial atenção: é o de *Montsalvat*, ali chamado «Monte da Salvação» o pico situado entre bordas longínquas das quais nenhum mortal se aproxima representado elevando-se no meio do mar numa

1) O nome de Artur tem um sentido muito próprio, que se liga ao simbolismo solar e que explicaremos talvez noutra ocasião.

2) Os Cavaleiros da «Távola Redonda» são por vezes um número de cinquenta, que era, como os Hebreus, o número do Jubileu e que se refere também ao reino do Espírito Santo. Mas o nome mesmo tempe havia ali o Deus que era o principal preponderante. A propósito disto recordemos os Doze Filhos de Carlos Magno em relação aos santos do Império Romano.

reg ao inacessível por sobre a qual se levanta o Sol. É ao mesmo tempo a «ha sagrada» a qual tinha poraro dois símbolos equiva en es, dos qua e ainda tentamos de falar na continuação desse estudo. É a «Terra da imortalidade» que se identifica naturalmente com o Paraíso terrestre (1). Para voltar ao próprio Graal, é fácil perceber que a sua verdadeira significação é no fundo a mesma que o vaso sagrado tem em toda a parte onde se encontra e que no Oriente primitivo é o vaso do sacrifício contendo originalmente como disâmos mais atrás, o Soma dos Vedas ou o *amrita* dos Mazdeus isto é, a «bebida da imortalidade» que confere ou restitui âquelles que o recebem com as disposições requeridas, o «sentido da eternidade». Não poderíamos, sem sair do nosso tema esender-nos mais sobre os símbolos do Graal e do seu conteúdo. Seria necessário para o leitor ver convenientemente consagrar a isso um estudo especial, completo. Mas a observação que acabamos de fazer vai levar-nos a outras considerações da maior importância para o que nos propomos apresentarmente.

(1) A semelhança de *Montsalvat* com o *Eden* é notória, não pelos *Idylls*, e foi sobre que nos levou a se chegar do norte a significação da vida oculta do *Soma* e da

procuramos desde que estamos decididos a trazer
estruturas do «Reino Mundial» não por ser possí-
vel na verdade passa a ser não o possível, mas
retornar aqui a frase pronunciada a esse respeito
por S. Paulo (Epístola aos Hebreus. V. 11) —
«Temos a esse respeito muitas coisas a dizer e
coisas difíceis de explicar, por tanto vos tornamos
negligentes para ouvir».

Em primeiro lugar eis o próprio texto da passa-
gem bíblica de que se trata: «E Melchisedeq rei
de Salem veio trazer pão e vinho; e ele era sacerdote
do Deus Altíssimo. E ficou. E ele abençoou
Abrão (quando) saiu o seu filho Isaac pelo
Deus Altíssimo, presidente dos Céus e da Terra
e bendito se a o Deus Altíssimo que entregou os
teus inimigos nas tuas mãos. E Abrahão deu-lhe o
dízimo de tudo que tinha tomado».

Melchisedeq é pois rei e sacerdote con junta-
mente. O seu nome significa «Rei da Justiça» e ao
mesmo tempo rei de Salem, que quer dizer da P.
«encontramos pois aqui, como se sabe, a «Justiça»
e a «Paz» isto é precisamente os dois atributos
fundamentais do «Reino Mundial». Deve notar-se
que a palavra Salem contrasta com a oposição da

— O nome de Abrahão ainda não cobra do mundo para
Abraham. A palavra «Abrahão» é uma palavra hebraica
muito mais antiga. Sarah, de nome hebraico, é a esposa de
dois nomes: «Sarah» e «Sarai».

O REI DO MUNDO

gar, nunca designou na realidade uma cidade, mas
que, se se tomar pelo nome simbólico da residência
de Melki-Tsedeq, pode ser considerado como um
equivalente do vocábulo Agartha. Em todo o caso,
é um erro ver aí o nome primitivo de Jerusalém,
porque esse nome era Jersa, pelo contrário se o
nome de Jersa em foi dado a essa cidade quando
um centro espiritual foi ali estabelecido pelos He-
breus, foi para indicar que ela era, desde então
como uma imagem visível da verdadeira Sabedoria.
É de notar que o templo foi edificado por Salomão
cujo nome *Shalomon*, também por adição de *Shem*,
significa o «Pacífico».

Eis agora em que termos a. t. mais comente o que
 se disse de Melchisedech. Este Melchisedech é
 rei de Salem, sacerdote do Deus Altissimo que
 saiu ao encontro de Abraham quando elle regressava
 da matança dos reis, que o abençoou e a quem
 Abraham deu o d. como de coiza os despojos que
 em primeiro lugar segando a agitação da sua
 nome, rei do Justo e depois, também rei do Justo
 isto é rei da Paz, que não tem paz nem a. e. e. e.
 genese og. a que não tem começo nem fim de vida

mas está se ao assim a semelhança do Filho de Deus e permanece sacerdote para sempre» (

Ora, *Milk. Tsedeq* é representado como superior a Abraham visto que o abençoa e «sem a mais pequena dívida é o inferior que é abençoado pelo superior» por seu lado. Abraham reconhece essa superioridade porque lhe dá a dizer no o que é o sinal da sua dependência. Há aqui uma verdade ra «r-
ves dura» quase no sentido feudal da palavra mas com a diferença de que se trata de uma overlordia espiritual e podemos acrescentar que se encontra aí o ponto de junção da tradição hebraica com a grande tradição primordial. A «benção», de que se fala, é propriamente a comunicação de uma «influência espiritual» na qual Abraham vai partir para a eternidade. E pode-se observar que a fórmula empregada põe Abraham em relação directa com o «Deus Ancestral» que o próprio Abraham invoca em seguida, designando-o com *Sei Meah*.

Tsedeq é assim superior a Abraham, e porque o «Altíssimo» é *an*, que é o Deus da *Milk*.

Tsedeq e o próprio superior ao «Todo Poderoso» (*Shaddai*, que é o Deus de Abraham ou, por outras palavras, por se o primeiro desses dois nomes representa o aspecto d'um Deus elevado do que o segundo. Por outro lado, o que é extremamente importante e parece nunca ter sido assinalado, é

O REI DO MUNDO

que o «El Elon» é o equivalente de Emmanuel, tendo esses dois nomes exacta duração o primeiro número (197) e isto fica directamente a favor da teoria de Melchizedeq a dos «Reis Maiores» cuja exploração já demos anteriormente.

Além disso, pode-se ainda aqui ver o seguinte: o sacerdote de Melchizedeq e o sacerdote de El Elon o sacerdote cristão é o de Emmanuel, se El Elon é pois Emmanuel, esses dois sacerdotes não são mais do que um e o sacerdote cristão, que por outro lado comporta esse ritual a oferenda eucarística do pão e do vinho, e ver a verdade segundo a ordem de Melchizedeq (1).

A tradição judaica cristã distingue dois sacerdotes, um segundo a ordem de Aarão, o outro segundo a ordem de Melchizedeq e este é superior àquele como o próprio Melchizedeq que é superior a Abrãam, do qual descende a tribo de Levi e por consequência a família de Aarão.

Isso é a justificação completa da verdade que está em conformidade com a linha correcta segundo a qual a tradição pode não ser sempre verdadeira. Não se trata de uma verdade real como muito de transmissão das tradições religiosas, mas não implica a elevação efectiva a qualquer altura da hierarquia eclesial.

(1) Pode-se dizer também confissão da superioridade que a superioridade correspondente à da Nova Aliança sobre a Antiga (Epístola aos Hebreus, VII, 22). Isto dá um ponto de vista sobre o facto que o Cristo nasceu da tribo real de Judá e não da tribo sacerdotal de Levi. Epístola aos He. VII 1-17, mas essa superioridade

Há ainda outras observações a fazer e em primeiro lugar esta na própria do «Rei Magos», vemos três personagens distintas que são os três chefes da hierarquia mítica na de Meli. Tsedeq não vemos senão uma mas que pode unir nela os aspectos correspondentes às três mesmas funções. Foi assim que alguns distinguiram Adon: Tsedeq o «Senhor da Justiça» que se desdobra de certa maneira em Kora Tsedeq o «Sacerdote da Justiça» e Meli Tsedeq, o «Rei da Justiça». Estes três aspectos podem ser, com efeito, considerados como referindo-se respectivamente às funções de Brahmã do Mahâtma e do Mahanga¹.

Embora Meli Tsedeq não seja propriamente senão o nome do terceiro aspecto, é aplicado continuamente por extensão ao conjunto dos três e se é assim empregado de preferência aos outros é porque a função que exprime é a mais próxima do mando exterior portanto aquela que é mais conhecida mais conhecida e Além disso de se notar que a expressão de «Rei do Mundo» bem como a de «Rei da Justiça» não se referem directamente

1. 2. 3. 4. 5.

Existem ainda outras qualidades reais da de Meli Tsedeq segundo uma delas, esse nome é consagrado no Pancha Ganga pela de Meli na de 52 anos. Este nome está representado, por outro lado, um papel importante na tradição hindu, onde é considerado como o nome mais sagrado e conhecido no Veda. De-se lembrar que a essência das qualidades de Meli Tsedeq tanto prevalece quanto a do Mahanga e do Mahanga.

falar para a Justiça, isto é, o equilíbrio simbolizado pela balança, enquanto a autoridade o é pela espada. É a espada que caracteriza o papel essencial do poder e o tríplice laço e também na ordem espiritual a busca da Verdade. Além disso é preciso acrescentar que este também é uma forma suavizada de poder. Há, aliada pela substituição do sinal da força e puxa pelo da força material e essa forma *Hol* designa propriamente a «Sabedoria» (em hebraico *Holmah*), de maneira que ela convém mais especialmente à autoridade sacerdotal, como a rainha ao poder real.

Isto é ainda confirmado pelo facto de que as duas formas correspondentes se encontram com sentidos semelhantes no hebraico *Kien* que em linguas muito diversas significa «poder» ou «autoridade» e também «conhecimento». *Kien* é sobretudo poder espiritual ou mental, aliado com a Sabedoria (conceito *Koen* «sacerdote» em hebraico) e, portanto, poder material. To qual diferentes palavras exprimem a ideia de «poder» e principalmente o nome de

¹⁾ A compozição por três consoantes significa ao primeiro a «força» embora a «força» seja o poder, isto é, o exercido em causa dos célos ou dos homens, a autoridade.

²⁾ Essa similitude pode ser confirmada pela forma da força ao serviço do deus. Os modernos não têm mais consideração bastante daquilo tomando como sendo «poder».

Quin) Estas raízes e seus derivados poderão sem dúvida dar lugar ainda a muitas outras considerações mas levemos linear nos ao que se refere mais directamente ao tema do presente estudo.

Para completar o que antecede, voltaremos ao que a Cabala hebraca diz da *Shek nah* esta é representada no «mundo exterior» pelo último dos dez *Sephiroth*, que é chamado *Malkuth*, isto é o «Reino», a signação que é bastante digna de nota do ponto de vista em que aqui nos colocamos. Mas o que o é ainda mais, é que entre os sinónimos que são dados, por vezes, a *Malkuth* se encontra *Tsedeq* o «Justo» (*). Esta comparação de *Malkuth* e de *Tsedeq* ou da Realza (o governo do Mundo), e da Justiça encontra-se precisamente no nome de *Me ki-Tsedeq* Tanta se aqui da Justiça distributiva e propriamente equilibra e na «coluna do meio»

A palavra *Kiron* temo dado aos chineses pelos povos da Ásia Central. Alguns talvez a primeira vez.

(*) *Tsedeq* é também o nome do planeta Júpiter cujo nome é chamada *Tsedeq* *Mik*, a semelhança com o nome de *Malkuth* *Tsedeq* (ao qual está somente acrescentado *El* o nome do deus que forma a terminação de todos os nomes a pérola), está aqui muito evidente, para que seja preciso insistir nisso. Na Índia, o mesmo planeta tem o nome de *Brahmavati* que é igualmente «Ponúfice casta». Outro sinónimo de *Malkuth* é *Sabbath* cujo sentido de «propriedade» se refere talvez mais à ideia de «fazenda» mais que «casa» ideia expressa, como se viu mais atrás o aspecto exterior da própria *Shek nah* para quem ela se encontra no «mundo inferior».

O REI DO MUNDO

da árvore senior ca. É preciso distingui-la da Justiça oposta à Misericórdia e identificada com a *Aster lade* na «coluna da esquerda» porque são dois aspectos diferentes (e além disso em hebreu existem duas palavras para designá-las: a primeira é *Tsedakah* e a segunda é *Din*).

É o primeiro desses aspectos que é a Justiça, no sentido mais rigoroso e mais completo ao mesmo tempo, implicando essencialmente a ideia de equilíbrio ou de harmonia e ligada indissolivelmente à *Paiz*.

Malkuth é o reservatório onde se juntam as águas que vêm do rio do alto. Isto é todas as emanações (graças ou influências espirituais) que ela espalha em abundância. Esse rio do alto e as águas que descem dele lembram estranhamente o papel atribuído ao rio celeste *Ganga* na tradição hindu e poderia também notar-se que a *Shokh*, da qual *Gangâ* é um aspecto, apresenta certas analogias com a *Shokmah* não ser a mesma coisa em razão da função «providencial» que lhe é comar. O reservatório das águas celestes é naturalmente idêntico ao centro espiritual do nosso mundo de lá partem os quatro rios do *Pardes* dirigindo-se para os quatro pontos cardeais. Para os *Luzes*, este centro espiritual identifica-se com a coluna de *São*, à qual dão o nome de «Coração do Mundo» e que comam a todas as «Terras Santas» e que, para eles, se torna de alguma maneira o equivalente do *Melchior*.

das *Landes* e o *Althorj* dos *Pelaes*. «O Tabernáculo da Santidade de *Jehovah*» representa a *Shekinah*, e o Santo dos Santos que é o coração do Templo que é o próprio o centro de São Jerusaém — como a Terra de Israel é o centro do Mundo. Pode se levar mesmo as coisas mais longínquas do que está aqui enumerado tomando na ordem inversa — mas também depois do Tabernáculo no Templo a Arca da Aliança no Tabernáculo e sobre a própria Arca a Aliança o lugar de manifestação da *Shekinah* (entre os dois Arcos) — representam igualmente aproximações sucessivas do «Polo espiritual».

É também desta maneira que Dante apresenta precisamente Jerusalém como o «Polo espiritual» como a tivemos ocasião de expor no troço já mencionado, desde que se se a não ponha de vista propriamente, e já da cósmica se sobrepõe a simbólica e já não constitui uma localização no sentido real do vocábulo. Todos os centros espirituais secundários, constituídos em vista de adaptações ao plano físico primordial a tradições determinadas são como

entre os *Sinai* e o *Sinai*, o monte *Sinai* que representa o mesmo papel, recebe as mesmas denominações: é a «Montanha abençoada», a «Colina Escrita», o monte de *Ilmud*, o «Corno de Deus» e o Tabernáculo dos seus Anjos, a morada da *Shekinah*. É mesmo identificado com o Monte principal — *Sinai* — que não foi submergido pelas águas do dilúvio.

já demonstramos, a imagem da Terra Santa não pode não ser na realidade a imagem dos centros secundários e no entanto, a imagem simbolicamente com o centro da Terra, o ponto de partida para a viagem Jerusalém, o centro do mundo, e não o seu ponto final, na imagem da Terra Santa. O que nós dissemos é o contrário: a Terra Santa é a Terra Santa que não é apenas a Terra de Israel, por não trataremos de compreender seu ser, de sua cultura

A este proposito, na expressão «Terra dos
anônima de «Terra Santa» e a «Terra dos
Viventes» ela designa a existência da «morada
da mortalidade» de na «terra» na sua acepção
própria e rigorosa, se applica ao Paraíso terreste
ou aos seus equivalentes na «terra» e a «terra» a no-
minação foi também transferida para a «Terra dos
Santos» secundários e principaes, para a Terra
de Israel. Diz-se que a «Terra dos Vivos» é im-
piedade, se é terra» e Mr. V. a nota a respeito
que «esta terra é Canaan» e a «terra» a
sete povos. No seu collocation, a «terra» é
exacto, mas a «terra», essas «terra» e a «terra»
nam muito bem como as «terra» que se trata por outro
lado, na «terra» «terra» correspondente a «terra»
«terra» por segundo a «terra» «terra» e a «terra»
por centro comum e «terra» «terra» «terra»
adiante. Do mesmo modo quando os «terra» «terra»
dos ou as «terra» anteriores à «terra» «terra» «terra»

pelos «sete reis de Edom» (o numero setenta) encontrando-se aqui em relação com os sete «dias» do Gênesis; há nisso uma semelhança demasiado impressionante, para ser só accidenta com as eras dos sete Manas contadas desde o principio do Kalpa até à época actual.

O Kalpa comprehendendo diversas subdivisões ou *Taravakata* brachia de Manas, e o sétimo d'estes Kalpas chamado *Sâm-Skandha* Varsha-Kalpa ou «Era do Javan Branco» (uma nota de uma é esta) os Judeus dão a Roma a denominação de Edom. Ora a tradição fala em um reinado de sete reis de Edom e o segundo creem ser o *Wijaya* que foi pozado tudo de novo e regenerador da cidade, com um nome que é o contrahito sánscrito exacto de de *Wijaya* e que sendo ser o mesmo tempo, a aproximação do vocabulo grego *Wijaya* (e) Isto dá lugar a pensar que este sete reis de Edom não são outra coisa do que do ponto de vista, senão uma representação particular do, sete Manas para uma divisação de eras, de mesmo modo que os sete séculos da Grécia são por outro lado, em condições si milares, uma representação dos sete *Kliron*, em que se conta a a subsecção da ciclo immediata mente anterior ao nosso.

terrâneos onde certos centros iniciáticos tem podido manter-se desde há séculos, mas fora disso, há em tudo o que é chamado acerca desse assunto, uma parte de simbolismo que não é muito difícil de esclarecer e podemos pensar mesmo que são razões de ordem simbólica que tem determinado a escolha de lugares subterrâneos para estabelecer esses centros de iniciação, muito mais que motivos de simples prudência. Saint Yves tem a talvez podido explicar esse simbolismo, mas não o fez e é isso que dá a certos pontos do seu livro uma aparência de fantasmagoria.¹ Quanto a Ogamumshu era certamente incapaz de ir mais longe e de ver no que lhe diziam outra coisa senão o sentido mais imediato.

Entre as tradições às quais se alusão, há uma que apresenta um particular interesse encontra-se no Talmude e refere-se a uma cidade misteriosa chamada *Luz* ().

Esse nome era originalmente o do lugar onde Jacob teve o sonho, após o qual o chamou *Beith El* isto é «casa de Deus» (). Voltaremos mais tarde

¹ Citaremos como exemplo a passagem onde se trata do «desceida aos Infernos». Aquelas que tiverem ocasião disso, poderão compará-la com o que discutimos, acerca do 1.º ponto assinalado no *Teosofismo de Dante*.

² Os esclarecimentos que utilizamos aqui foram extraídos da *Jewish Encyclopedia*, VIII, 218.

³ *Génese*, XXVII, 19.

a esse assunto. Diz-se que o «Anjo da Morte» não pode entrar nessa cidade e não entrar nela nem tem poder e por isso aproxima-se instantaneamente ao lugar mas não tão significativamente quanto a lamina perolada de *Albor*, que é especialmente para os Persas a emblema da mortalidade.

Perto de *Luz* há segundo se diz uma cidade doceira chamada também *luz* em hebreu na base da qual existe uma cavidade pela qual se penetra num subterrâneo e esse subterrâneo conduz à própria cidade e está ricamente oculta. A palavra *Luz* nas suas diversas accepções, parece a ser derivada de uma raiz que designa tudo o que está oculto, coberto, envolvido, encoberto e secreto. É de notar que as palavras que designam o Céu tiveram provavelmente o mesmo significado. *Caelum* aproxima-se vagamente do grego *Kelon*, *celo*, *lago* (o qual pode ter também uma relação com a cavidade tanto mais que *Vairão* no caso dessa comparação nestes termos a palavra *caelum* mas é preciso notar também que a forma mais antiga e mais corrente parece ser *caelum* que lembra de muito perto a

(*) Nas tradições de certos povos da América do Norte traça-se também de uma divindade para qual se considera que vive principalmente no interior da terra e a qual dá a si própria a face da terra e a si própria a face da terra e a si própria a face do mundo subterrâneo. É provável que *Bilwatyah* não se desapege dessa tradição para a sua obra. A *Revue Philologique* de *Chenebault*.

de modo que se possa ter uma
idéia da situação da agricultura
relativa ao que seria o normal se não
houvesse a guerra.

Há por isso a necessidade de se
para cada um dos setores da economia

estabelecer um plano de trabalho
que permita a cada um dos setores
conhecer a sua situação e a sua
posição relativa ao que seria o normal
se não houvesse a guerra. Este plano
de trabalho deve ser elaborado de
modo que permita a cada um dos
setores da economia conhecer a sua
situação e a sua posição relativa ao
que seria o normal se não houvesse
a guerra. Este plano de trabalho deve
ser elaborado de modo que permita a
cada um dos setores da economia
conhecer a sua situação e a sua
posição relativa ao que seria o normal
se não houvesse a guerra. Este plano
de trabalho deve ser elaborado de modo
que permita a cada um dos setores da
economia conhecer a sua situação e a
sua posição relativa ao que seria o
normal se não houvesse a guerra.

[illegible]

Aqui, como sempre a agonia refere-se a São Paulo considerada no mundo sup. e não a sua posição no plano celeste. Foi uma estranha situação, como já se julgou anteriormente. Sendo impossível ver a IV é no ser humano o adão adão.

[illegible]

Esta força e representada por um
serpente enrolado sobre o corpo do
organismo sub correspondente ao
bem a extremidade superior do corpo
é assim pelo menos no homem
efeito de placas tal como a do II
desperda o sentido de se e e que se a
das. Causas ou efeitos? Não se sabe
pondem aos diversos pontos para se obter
correspondente ao terceiro o qual se
liron al de São. Este período de tal
a restituição do estado primitivo
nem recupera o sentido da vida e por isso
obtem o que nos chamamos a nova vida
Até aí estamos ainda no estado de uma
fase inferior, quando a vida finalmente a vida
da cabeça () e esta vida se refere à
quista efectiva dos estados superiores
O que parece resultar da comparação
localização do corpo parece inferior do corpo
se refere apenas à estrutura do corpo

... B...
construção da vida...
já expõe os...
... de ...

VII

O CENTRO SUPREMO OCULTO DURANTE A «KALI YUGA»

A *Apartha*, diz-se com efeito, não foi sempre subterrânea e não o permaneceria sempre. Viu-se um tempo em que segundo as palavras de Osendowski, «os povos do *Agharta* saíam das suas cavernas e apareciam à superfície da terra». Antes da sua desapareção do mundo visível esse centro tinha outro nome, porque o do *Agharta* que significa «na luz velada» ou «destruído» não é muito bom e muito avele porque é a tradução de *Salom*, não lhe tendo sido convenientemente substituída a palavra precisa que se tornou subterrâneo «há mais de mil milhões de anos» e vê-se que essa data com alguma aproximação salienta ao princípio da *Kali Yuga* ou «idade negra» a idade do tempo da

Estas palavras são as mesmas que se encontram no livro de *Osendowski* sobre o «Pel do Mundo» escrito em 1896, quando esteve no interior do Himalaia.

dições são tais que enquanto persistir o movimento inicial, co deve necessariamente permanecer oculto, donde o carácter dos «Misterios» da antiguidade e do «histórico» que não remonta precisamente ao principio desse período (1) e das organizações secretas de todos os povos: organizações que attribuem uma importância efectiva, onde ainda subsiste uma verdadeira doutrina tradicional, mas que não o creem mais do que a aparência quando o espirito dessa doutrina se esvaia. Assim os albos que não são senão a representação exterior e isso porque, por diversos motivos toda a ligação com o passado e com o futuro se perdeu, o mundo acabou por ser quebrada o que é o sentido mais particular da perda da tradição, que é a perda do respeito pela mente a este ou àquele centro secundário deixando de estar em relação directa efectiva com o centro supremo.

Deve-se falar, pois, como já fizemos anteriormente, de qualquer coisa que está no passado de verdadeiramente perdida, visto que não é mais perdida para todos e que ninguém ainda a possui integralmente e se assim não fosse, seria a possibilidade de a reconstituir com o auxílio do

(1) Não parece que os antigos tivessem conhecido a impossibilidade de se fazer um trabalho de investigação de um sistema de pensamento que não se possa encontrar ao mesmo tempo em todos os lugares.

am exteriormente (1). No entanto, quando ter-
minar esse período a missão tivera ser nova-
mente realizada da sua plenitude visto que
o começo de cada *Alun* a terra coincide com o
fim do anterior implica necessariamente para a
humanidade a reversão a regressão ao estado pri-
mordial (2).

Na Europa toda a ligação estabelecida consan-
tamente com o exterior por meio de organizações
regulares está actualmente quebrada e já o assim
desde há muitos séculos; além disso, essa ruptura
não é consumada de uma só vez mas em muitas
fases sucessivas (3).

A primeira dessas fases remonta ao principio do
século VII, o que dá sempre ao nosso lugar as Ordens
de Cavalaria pode fazer compreender melhor que
um dos seus principais papéis era assegurar uma
comunicação entre o Oriente e o Ocidente, comu-
nicação cujos alicances é possível compreender, se se

(1) Tratar-se-á, em todos os casos, de uma existência relativa, a
quanto que a duração dos períodos secundários de duração dos intervalos entre a
missão primária desde o primeiro da *Alun* a terra.

(2) Não se trata de uma ligação da terra com a terra que se estabelece
no caso que se trata a mesma coisa que o Primeiro terrestre em
relação ao ciclo que nomeamos com o nome de *Alun* a terra e não
de *Alun* a terra.

(3) Do mesmo modo nos outros pontos de vista que se trata a
para a humanidade graças ao sistema de centros primários
e secundários que corresponde a divisão das *Alun* a terra
Vargas.

notar que o centro ao qual falámos a respeito do qual sempre descrito, pelo menos no que se refere ao tempo histórico, como situado no ~~oeste~~ Oriente. Não obstante depois da destruição da Ordem do Templo, o Rosacruicismo, ou aquilo que devia dar-se esse nome pela sua consequência continuou a assegurar a mesma ligação, embora de uma forma mais dissimulada. A Renascença e a Reforma marcaram a nova fase crítica e finalmente, segundo o que Saint-Yves parece indicar a rota completa ter-se concluído com o Tratado da Westphalia que em 1648 acabou com a guerra dos Trinta Anos.

Ora é importante que muitos autores tenham afirmado precisamente que pouco depois da Guerra dos Trinta Anos, os verdadeiros Rosacruicizaram a Europa para recolher-se na Ásia. E nos lembraremos a esse respeito que os Adeptos rosacruicianos eram em numero de doze como os membros do círculo mágico interior da Aqartha e em conformidade com a construção comum a todos os centros espirituais formados à imagem desse centro supremo.

A partir dessa época o dipolo do conhecimento científico efectivo não é guardado real-

Sobre este assunto, somos obrigados a fazer algumas observações sobre O Eixo mágico da Terra no qual formamos a ideia da ligação e permitam justificar esta observação.

mente por tentarem fazer a guerra
dentro da legalidade, e não a guerra
entre os Sinos e os Europeus, e
caso prático, não se trata de
nas Emissões para a
maior o menor do que se trata
Erofe as...
centenas que se apanha...
tár as que Ma...
deste assunto, se...
dadem...
Grande Loja Branca...
não já tem a imagem na...
caricatura ou...
da

Aqueles que compreendem a...
sentamos a...
tomar a...
têm nascer no...
ambrosia...
pequena prova de...

[illegible]

Para a viagem, a primeira parada foi ao que chamamos de "Parque do Zoológico", onde o "Fazenda" e o "Parque do Zoológico" foram os primeiros pontos de parada. O "Parque do Zoológico" é um dos mais antigos do Brasil, com uma história que se remonta ao século XVIII. O "Fazenda" é um dos mais antigos do Brasil, com uma história que se remonta ao século XVIII.

[illegible]

dos Árabes (1) e mesmo o Olimpo dos Gregos, que tem de qualquer modo o mesmo significado. Trata-se sempre de uma região que como o Paraíso terrestre se encontra inacessível à humanidade vulgar e está situada fora do perigo de todas as catástrofes que transformam o mundo humano no fim de certos períodos cíclicos. Essa região é verdadeiramente a região suprema, além da qual, segundo certos textos védicos e avésticos, a alma humana não tendo podido alcançar e pois mesmo no seu caminho essa palavra e qualquer que possa ser a sua revolução através das diferentes fases da história da humanidade terrestre ela permanece ainda polar no seu sentido simbólico, visto que representa essencialmente o eixo em torno do qual se realiza a revolução de todas as coisas.

A montanha simbólica nel se refere o Cetro do Mandokan e da Kali Yuga isto é quando e se existe de algum modo, abertamente e ainda não está soterrada. Ela corresponde pois ao que poderia chamar-se a sua situação normal, fora do período obscuro, cujas condições específicas variam numa espécie de inversão da ordem estabelecida.

(1) Dize-se da montanha de Qaf que não se pode atingir nem por terra nem por mar. *Id. hî-barr wa m hî-barr* (completar o que falta) isto naturalmente do modo vulgar e não se trata entre as suas diversas designações o de Montanha dos Sete Japés. O *diw-yô* que se deve interpretar por a Montanha dos Prachias de Anne Catherine Le mariti.

O REI DO MUNDO

É preciso, além disso acrescentar que apesar das considerações referentes às leis cósmicas, os símbolos da montanha e da caverna têm uma razão de ser e que há entre ambos a verdadeira complementaridade; além disso, a caverna pode ser encarada como situada no interior da montanha ou imediatamente debaixo dela.

Há ainda outros símbolos que nas tradições antigas, representam o «Centro do Mundo» uma das mais notáveis a saber, o de «Omphalos» que se encontra igualmente em quase todos os povos. A palavra grega *omphalos* significa «ombigo» um bigo mas designa também, de uma maneira geral tudo o que é centro e mais especificamente o núcleo ou o cabo de uma roda em sânscrito a palavra *navi* tem igualmente essas diferentes accepções, e

isto complementarmente a dois triângulos, dispostos em sentido inverso um do outro, que formam o seio de Sakama. É sempre o centro e o eixo da terra e da água, de que falamos anteriormente e o eixo do mundo, ou o eixo universal, que os antigos chamavam *axis mundi*.

W. H. Rieuwerdt na obra intitulada *Omphalos* publicada em 1935, dedica uma quantidade considerável de páginas ao estabelecimento exacto para os mais diversos povos, mas não tem hesado em pretender que esse símbolo está ligado à ideia de uma divindade que habita a terra porque muitas vezes trata de creança de um centro da superfície da terra semelhante ao grão-atômico atômico. Essa opinião é pouco discutível, caso contrário, o significado profundo do símbolo seria perdido.

Utilizando-se e seguindo a obra de Rieuwerdt, podemos fazer um estudo de *Omphalos*. Logo sobre *Omphalos* na obra de Rieuwerdt, publicado na *Revista dos Estudos Antigos* número setenta e sete.

passa-se o mesmo nas linguas celticas e germânicas em relação aos derivados da mesma raiz. Encontram-se sob as formas *cab* e *nauf*. Por outro lado, em galês a palavra *nauf* ou *naf* que é evidentemente idêntica a estas últimas, tem o significado de «cheto» e aplica-se também a Deus é pois a ideia de Princípio Central que está aqui captada.

O significado de «roda central» (ou «eixo da roda») tem a esse respeito uma importância particular porque a roda é em toda a parte o símbolo do Mundo, executando a sua rotação em volta de um ponto fixo símbolo que deve ser comparado com o da *svastika* mas neste a circunferência que representa a manifestação não está traçada, de forma que é o próprio centro que está designado directamente a *svastika* não é uma representação do Mundo mas efectivamente a acção do Princípio em relação ao Mundo.

O símbolo do *Omphalos* podia ser colocado num lugar que fosse sempre em e o centro de determinada região, centro espiritual ou antes, centro geográfico embora os dois possam coincidir em certos

Em a. ind. *uṣab* «roda» e *uṣab* «umbigo» em inglês *navel* e *navel* tinham esta mesma palavra o significado geral de «centro» ou de «eixo». O grego *omphalos* e o latim *omphali* provêm ambos de uma simples modificação da mesma raiz.

1) *Uṣab* no *Rig-Vêda* é chamada *Umbiga de Terra*, o que se diga ainda à mesma ideia a *svastika* é a mesma coisa, como já vimos dito um símbolo da Água.

... a porquê esse porquê...
... a tanto a...
... do «Canto 1».
... a tradição part...
... a adaptação da...
... a melhor con...
... as condições de exis...

... o *Onphar*...
... Tese templo era realmen...
... a antiga... e se a...
... que poderam...
... que era a...
... o conselho do...
... por representantes de todos os...
... além disso a...
... por...
... no seu carácter essen...

... o templo era q...
... que se chama...
... a sala ra parece...
... Beth E... de Deus...

... entre...
... a...
... a...
... da...

o nome que Jacob deu ao lugar onde o Senhor se lhe manifestou numa noite.

«E acordado Jacob do seu sono, disse: A verdade o Senhor está nos e eu que eu não sabia.

«E temendo, disse: Que temerá eu para ficar? Este não é outro lugar senão a casa de Deus, e esta é a porta dos Céus.

«Então levantou-se de madrugada, tomou a pedra que tinha posto por cabeça da cama e a pôs como coluna e derramou a óleo sobre ela. E chamou esse lugar o nome de Bet-el. Mas o nome desse lugar dantes era Luz. Talvez porque anteriormente o significado da palavra Luz em esse lugar era disse também que Bet-el é a casa de Deus. Se por isso mais tarde Bet-el tornou-se a casa do povo, a cidade onde Cristo nasceu, a relação simbólica que existe entre a pedra e o não ser a porta do céu, digna de atenção.

«Além disto, de se notar que se o lugar onde nasceu Cristo é Bet-el, então a cidade de Bet-el é a cidade do Gênesis.

«E assegurando a verdade, o nome Luz, Bet-el, é o nome do Deus grande que nos dá a luz e a vida. Em Mateus V. 2. Jesus pôs a luz em cada um dos seus olhos em relação ao que a luz representa a vida. E a transformação gerada na luz, a luz representa a transformação, como a pedra que se transforma em ouro. É análoga a ordem mística, a luz que se transforma em ouro. O próprio Cristo é a luz que se transforma em ouro. O próprio Cristo é a luz que se transforma em ouro.

... Mundo ...
... uma pedra de ...
... (be e ...
... sagrada, ...
... Mundo que ...
... outro ...
... Mundo.

... se o ...
... uma pedra ...
... por um ...
... uma ...
... a ...
... Estado ...
... forma de ...
... das ...
... correspondam ...
... próprio ...

... Mundo ...
... forma ...
... grupos de ...
... na ...
... de ...

Mais uma assembleia geral, absolutamente comparável a reunião dos Druidas no «lugar consagrado central» (*medio-lamon* ou *medio-penteton*, da Galla, do país dos Carnatos e a comparação com a assembleia dos Anfitrões, em Delphos, impõe-se naturalmente.

Esta era a da Irlanda em quanto reinos, mas a região central que era a residência do chefe supremo, aqui se a tradições extremamente antigas.

Com efeito, a Irlanda foi, por esse motivo, designada por «ilha dos quatro Mestres» — mas esta designação, a propósito da «ilha dos quatro Mestres» (*Fionn ap cava* se an er rmente a or te terra m mas setentrional, hoje desconhecida ou talvez desaparecida Oge que ou antes *Tolk* que foi um dos principais centros espirituais, senão mesmo o centro supremo de um certo período.

A recordação desta «ilha dos quatro Mestres» encontra-se a é na tradição chinesa o que parece nunca ter sido notado. Eis o texto tal qual se lê ali.

«O imperador Yao deu-se a esse trabalho e logo ter reinado muito idealmente. Depois que visitou os quatro Mestres, na longínqua ilha de Kou-chee (habitada por homens verdadeiros»

1) O nome de S. Patrício, o «são do norte» (em latim) sob a sua forma latinizada, era utilizado antes do século que significa «o servidor de Deus».

que a vida dos homens se integrados no resplendor primordial e reconhecem que a vida precisa do todo. O homem é a diferença (ou a ausência) do deslumbrante e a vida de não deixar-se ao super-homem, a que deve voltar a toda cômica» (1).

Foram quatro os quatro Mestres — den. f. — chamados os quatro *Maharâjes* ou «grandes reis» que segunham as tradições da Índia e do Tíbet e presidem aos quatro pontos cardiais — e se correspondem ao mesmo tempo aos elementos o Soberano — primeiro — que reside no centro, na montanha sagrada representa então o Éter *Akasha* a quinta «essência» — quinta essência — dos hermetistas — o elemento primordial donde provêm os outros quatro — e radigões as âlmas encontram-se igualmente na América central.

O diagrama seguinte representa colocado no exterior, Babar, o Imperador do mundo, e os quatro Mestres, no interior, cada um representando por sua posição a posição que se reflecte a Actividade do Cerebro.

Tal diagrama é o diagrama de P. L. Aeger, pág. 219. O Imperador *Yajur* nasceu em 1236 antes de Christo. Poderia fazer-se aqui a comparação com a figura do mundo do esoterismo esumano.

Nos diagramas seguintes se mostra a posição que cada um dos quatro Mestres representa pelo ponto cardinal, que é o Pólo dos quatro pontos essenciais, bem como os quatro pontos cardiais correspondem aos quatro raios da cruz alquímica, sendo por isso o diagrama que se apresenta a seguir de suas aplicações.

O REI DO MUNDO

diz-se, tinham vindo de Atlântida e que, portanto, o nome das águas que evidentemente nasce no centro da Terra, a Atlântida, e que tem a traz do o nome de *Tut*, do seu país de origem, o centro ao qual eles teriam dado esse nome devia ter sabido do provável nome numa certa medida o da continência designada. Mas, por outro lado, é preciso distinguir a *Tula* atlante da *Tula* hiperbórea, e esta última que na realidade representa o centro primeiro e supremo para o conjunto do Manvantara actual, essa é que foi a «ilha sagrada» por excelência e, como dissemos mais atrás a sua situação era literalmente polar na origem. Todas as outras «ilhas sagradas» que são designadas em toda a parte por nomes de significação idêntica não foram senão imagens daquela e isto explica-se também ao centro representativo da tradição atlante que não governou senão um ciclo histórico secundário subordinado ao Manvantara²).

O sinal característico de as *Ilhas do Tut* ser a garça real branca, a garça e a serpente representam no Ocidente o mesmo papel que a *Ilha do Grogna* e o *serpente* representam entre os emblemas do Cristo. A ilha era, entre os Egípcios, um dos símbolos de *Tut*, isto é de Sabedoria.

2. — Na grande dificuldade para determinar de qual modo se processa o ponto de junção da tradição atlante com a tradição hiperbórea provém de certas ideias acerca do que se pode dizer acerca da cultura atlântica, mas a questão, apesar de tudo, não é talvez completamente insolúvel.

1. 1990年12月，在“中国—东盟”合作中，中国首次提出“中国—东盟”合作机制，这是中国首次提出与东盟建立全面伙伴关系。

Tudo isso não é suficiente para fazer, e a desmoralização decorrente representa um obstáculo para a Nasa e suas atividades. Além disso, por subterfúgio, a mídia afirma que essa teoria é uma tentativa de se voltar a Itália para ajudar a combater o terrorismo.

Na foto, a ilha branca. Sobre o mar, que se estende por todo o horizonte, surgem as do Norte e a consuetudinária em terra dos Bem-aventurados, que a identifica claramente com a Terra dos Virgens. O grande o farolito branco, o que resta das ruínas e das pedras, se misturam de uma maneira como se a ilha das

1. A empresa possui o seguinte sub-divisão de vendas:

11. Isto ocorreu quando um dos alunos Aratanandya da escola
guilade aldeada, nos dias finais estavam saindo o Oeste
o sistema das dependências. Assim, um grupo, sempre em sua
aldeia, chegou ao local e encontrou o que parecia um verdadeiro
origem humana. E poder também, por outro lado, fazer pensar
no modo diferente de tratado e de vida.

Hospícios filiais de Atila, que possui em um só bloco cor-
redos de ouro

Santos na a sua nos Benfite, e a ilha do
no centro dessa ilha ergue-se a montanha branca
que não foi, dizem, submergida, mas se há de ser
vindo a ser o nome é de cor branca.

Essa «montanha de São» como é a ilha
designada e a mesma coisa que o *Monte Santo* e
é também a «montanha branca» e rotula-se de
cidade verde pelo facto de estar situada no meio
do mar, e no seu cumbrilho o triangulo de São.

A designação de centros expressa-se no nome
«branca» (designação que, lembrando o verde, não
podendo apontar-se como os outros centros secos
claros, não unicamente ao centro branco ao
qual era próprio em português e preciso de
os nomes de lugares, regiões ou cidades que expre-
sem-se manifestamente a cor de brancura. La se

1. O nome da ilha dos Santos foi aplicado posteriormente
à Irlanda, como o da ilha verde e nome a Inglaterra. Assim
o nome ignominioso do nome da ilha de Coliguma, que era o
mesmo significado.

2. Já a denominação de «montanha branca» designa-se
Paraiso terrestre. No geographico e no nome a ilha de
São João e São João e a denominação geographica de São João
são também muito conhecidas. Sabem-se de tudo a respeito da
ilha de São João.

3. Então, com a ilha de São João, Benfite, e a ilha de
e verneha de que já sabemos do geographico de São João.

4. Por outro lado, de São João, por vezes, de uma ilha de São
de São João e de São João, por vezes, de uma ilha de São João.
Isto São João, de São João, de São João, de São João, de São João.
e a mesma coisa se passa com a ilha de São João, de São João, de São João.
Então, de São João.

maneira as verdades de ontem superadas, proporcionando a lei de correspondência que é o próprio fundamento do simbolismo e que todos os mundos na harmonia total, e universal. A ideia que evoca a representação de que se trata é essencialmente a de «estabilidade» que indicamos pressaamente como característica do Povo. A ilha permanece inalterável no meio da agitação das ondas, agitação que é uma imagem do mundo exterior e precisa ter atravessado o «mar das paixões» para alcançar o «Mundo da Salvação» ou o «Santuário da Paz».

O Rei do Mundo atravessando o mar das paixões, está unido com a Tradição e possui o «Mundo» por dentro e a sua plenitude. Os Shankarásârya Acharjadas das passões são ligados aqui para designar essas as condições do mundo e as condições que constituem a estrutura das formas e o domínio das forças inferiores segundo a simbologia comum a todos as tradições. É notável que a coroa da Grande Paz e a representação mais e vezes sob a figura de um elefante e essa a não uma das razões por que a imagem simboliza o solário, representa a Igreja e também por sua representação sob a figura de uma guerra e a eternidade não ser alterada nessa maneira do mesmo modo que precisa sempre ser esse ponto de vista. A teoria da guerra sempre mudou segundo a doutrina budista. Arcebasianos que a teoria sobre as águas se trata a lei das águas das coisas e a mudança «vichar» e denominada Nâgânâ e ainda que march sobre as águas impõe uma comparação com o Evangelho, onde se vê precisamente Cristo unido sobre as águas.

XI

LOCALIZAÇÃO DOS CENTROS ESPIRITUAIS

No capítulo anterior examinamos de modo quase completamente a questão da localização efectiva da ereção suprema, questão muito complexa, e aliás completamente secundária do ponto de vista em que quise nos colocar nos *Parce* que há ocasião de considerar muitas localizações sucessivas, correspondentes a diferentes ciclos, subdivisões de um outro ciclo mais extenso que é o *Manantara* se por outro lado se considera o conjunto deste pondo-o de a qual modo fora do tempo haveria a ordem hierárquica a observar entre estas localizações correspondendo a construção de formas tradicionais que em resumo não são mais do que adaptações da tradição principal e particular que domina todo o *Manantara*. Por outro lado lembremos mais uma vez que pode também haver simultaneamente além do centro principal, outros outros centros que se ligam a ele e que são de r

Sei nos alongarmos sobre essas questões de modo que se referem apenas indirectamente ao nosso tema diurnos ainda que um entre do género daquelas de que acabamos de falar existia em Creta na época pré-helênica (1) e ao que parece o Egipto contava com muitos, provavelmente fundados em épocas sucessivas, como Memphis e Tebas. O nome desta última cidade que o

guita estavam gastos, em certos casos, o primeiro e a conservação
de idade: ta. por a tradição *Passagem de Tiber* (1900) e a
bên. em Roma, os escudos dos Sábios q. se diz, eram do
sábios com o símbolo no campo de Roma e Olegio do Sábios
compunha-se de dez nomes: seus ob. os eram autôres de
significados capitais: como a alma da Alma, etc. e
Hebreus. Os Sábios eram conhecidos de Ma. e os antigos do
povo de de. e os antigos Sábios.

[illegible]

para a Grécia. O seu nome evoca o do delírio. In...
e muito importante. Outro nome n nível 5 o de Ba...
significa «porte do céu» que é uma das quatro...
por Jacob e Lu... por outra lado pode ter também...
de «Casa de Diniz» como Ba... mas se...
«construção» Babes. Quando a tradição entre...
a inversão do símbolo, tomando a...
Cruel.

também o de uma cidade, ega ou, entre outras particularidades, nossa a ligação com a designação de centros espirituais, por meio da sua e designação com o da *Thebah* hebraica, isto é, da Arca do dilúvio.

Esta é também uma representação do estado supremo considerado especialmente, enquanto assegura a conservação da tradição no estado de desenvolvimento por assim dizer, no período transitório que é como o intervalo de conservação que é assinalado por um cataclismo cósmico destruição do estado anterior do mundo para dar lugar a um novo estado. O papel de Noé, bíblico⁽¹⁾ é semelhante aquele que representa na tradição hindu *Satya-rata* que se torna em seguida sob o

(1) Este estado é semelhante aquele que representa para o princípio de um ciclo o *Manu* da Índia, considerado o primeiro homem e o primeiro deus, a quem se atribui a criação do mundo. A Arca tem, em si mesma, todos os elementos que permitem a conservação da tradição e que não permitem a geração de novos seres.

(2) É também uma ilha flutuante, pois, segundo a tradição, a construção da Arca tem por objetivo assegurar que o deus não seja destruído por uma inundação universal. A construção da Arca tem por objetivo assegurar que o deus não seja destruído por uma inundação universal.

(3) Deve notar-se igualmente que Noé é designado uma "ilha" e o primeiro que constrói a Arca. A construção da Arca tem por objetivo assegurar que o deus não seja destruído por uma inundação universal. A construção da Arca tem por objetivo assegurar que o deus não seja destruído por uma inundação universal.

O REI DO MUNDO

nome de Vavassara o *Manu* act a mas é de notar q e enquanto esta última tradição se refere também ao principio do presente *Manvantara* o gl'avo *Lilho* marca apenas o principio de um outro ciclo mais restrito compreendendo no interior desse mesmo *Manvantara* (não se trata do mesmo acontecimento, mas unicamente de dois acontecimentos analogos entre si)

O que é ainda mais digno de ser aqui notado é o do Arco Iris, relação que é sugerida no favo a relação que existe entre o su bolismo da Arca tiblica, pe a spanção d'esse ultimo depois do dilúvio, como sinal de aliança entre Deus e as criaturas terrestres *

A A a durante o catatismo, flutua sobre o Oceano das águas infernaes, o arco-iriz no momento que marca o restabelecimento da ordem e a renovação de todas as coisas, apparece em a ru'em naq'ora, quer aq'ella região das águas superiores. Trata-se pois de uma relação de analogia no sentido mais restrito desta palavra, isto é que as duas

(*) Um dos sinais mais mysticos do dilúvio biblico pode ser relacionado com o catatismo e os que desapparecem e apparecem.

A mesma observação applica-se naturalmente a todas as tradições diluvianas que se encontram em grande numero de povos até as que dizem respeito a dilos ainda mais particulares, como é o caso, n'hellas, comt'as na Gregua, dos dilúvios d' *Deucalio* e do *Opyrgo*.

* *Genesis*, IX, 12-17

na sua face do mesmo círculo, mas nesse momento, a figura da paisagem cessa o círculo é substituído por um quadrado (1) o que marca a realidade que o círculo que os primeiros as designam simbolicamente como a «quadratura do círculo» a esfera representa o desenvolvimento das possibilidades espaciais, tendo o ponto primordial e central, a base da sua construção quando esse desenvolvimento se encontra no equilíbrio final é atingido pelo quadrado (2)

[illegible]

A Acre do Vidua que se encontra dentro do Piratze cerrado, está situada no centro da Jurema em Gama. E aqui produz uma vida e se apresenta certa relação com os doze filhos, que é o próprio nome do Vidua com uma conotação mística, pois a natureza do que eles sentem.

Podemos dizer que a cultura e o culto correspondem
a uma expressão variada dos dois pontos de vista dinâmico e está-
tico de uma forma de cultura, e a outras segundo as três unida-
des do universo, com as suas ramificações da cruz sacada a partir
do centro do sistema. Na sua vez, segundo o eixo, será for-
mado uma cor parição com o eixo pelo movimento da pedra e hien-
do, a expressão da unidade de ser e movimento e parição, ou
seja, dando

O REI DO MUNDO

apenas para se meter à vinhada dos Bem-aventurados. Será seguramente esse o maior e mais importante mundo que se possa imaginar, e se se quiser compreender o que se trata não se deve esquecer que se passa o mesmo com as hierarquias espirituais. Os anjos falam também sobre as tradições e reprocambios da humanidade, graças à iniciação.

No período da vida do nosso ciclo terrestre, a alma na Áurica passa a Itria Daura, defendida e guardada, que a oculta aos olhos profanos assegurando no entanto certas reações e tentativas e etapas, em nível sucessivo, mas não

de modo que se possa ver a verdadeira natureza da alma. É isso o que se chama a "Itria Daura" e a "Itria Daura" é o nome que se dá ao período da vida da alma que se chama a "Itria Daura". A "Itria Daura" é o período da vida da alma que se chama a "Itria Daura". A "Itria Daura" é o período da vida da alma que se chama a "Itria Daura".

A "Itria Daura" é o período da vida da alma que se chama a "Itria Daura". A "Itria Daura" é o período da vida da alma que se chama a "Itria Daura". A "Itria Daura" é o período da vida da alma que se chama a "Itria Daura". A "Itria Daura" é o período da vida da alma que se chama a "Itria Daura".

A "Itria Daura" é o período da vida da alma que se chama a "Itria Daura". A "Itria Daura" é o período da vida da alma que se chama a "Itria Daura". A "Itria Daura" é o período da vida da alma que se chama a "Itria Daura". A "Itria Daura" é o período da vida da alma que se chama a "Itria Daura".

A "Itria Daura" é o período da vida da alma que se chama a "Itria Daura". A "Itria Daura" é o período da vida da alma que se chama a "Itria Daura". A "Itria Daura" é o período da vida da alma que se chama a "Itria Daura". A "Itria Daura" é o período da vida da alma que se chama a "Itria Daura".

mente para aqueles que não possuem as qualificações exigidas para entrar nela. Agora, a sua localização numa região determinada deve ser considerada como literalmente efectiva, ou unicamente como simbólica, ou, ao mesmo tempo, uma e outra? A esta pergunta responderemos simplesmente que, para nós, os próprios factos geográficos e também os factos históricos têm, como todos ou outros, um valor simbólico, que evidentemente não lhes tira nada da sua própria realidade, na qualidade de factos, mas que lhes confere, além dessa realidade immediata, uma significação superior (1).

Não pretendemos ter dito tudo o que haveria a dizer sobre o assunto a que se refere este estudo, longe disso, e as comparações que estabelecemos poderão certamente sugerir muitas outras. Mas, apesar de tudo, dissemos certamente muito mais do que se tem dito até aqui, e alguns estarão talvez tentados a censurar-nos.

(1) Isto pode ser comparado à pluralidade dos sentidos segundo os quais se interpretam os textos sagrados, e que, longe de opôr-se ou destruir-se, se completam e se harmonizam ao contrário, no conhecimento sintético integral. — Do ponto de vista que aqui indicamos, os factos históricos correspondem a um simbolismo temporal e os factos geográficos a um simbolismo espacial. Entre uns e outros existe, aliás, uma ligação ou uma correlação necessária, como entre o tempo e o espaço, e é por isso que a localização do centro espiritual pode ser diferente, segundo os períodos consideradas.

Não obstante, não pensamos que isto seja muito e estamos mesmo persuadidos que não há nada que não deya ser illo, embora vejamos menos dispostos que ninguém a confessar que haja occasião de encantar uma questão de oportunidade, quando se trata de expor publicamente certas coisas de um carácter desuado.

Acerca dessa questão de oportunidade podemos limitar-nos a uma breve observação: é que, nas circunstâncias no meio das quais vivemos presentemente, os acontecimentos desenrolam-se com tal rapidez que muitas coisas cujas razões não apparecem immediatamente, poderiam encontrar muito bem, e mais cedo do que estaríamos tentados a crer, applicações bastante imprevistas, senão completamente imprevisíveis.

Queremos abster-nos de tudo o que, de perto ou de longe, pudesse assemelhar-se a profecia. No entanto, não podemos deixar de citar aqui, para terminar, esta frase de Joseph de Maistre (*), que hoje é ainda mais verdadeira do que há um século

(*) *Discours de Saint-Petersbourg*, 11.ª edição, Paris 1812: qualquer apparencia de contradicção com o exemplo das crónicas a que fazemos referência, não obsta a que Maistre já tenha observado, merco a pena fôr, notar que esta palavra *crónica* é tomada por Joseph de Maistre n'um sentido muito lato, e que se lhe dá muitas vezes na linguagem corrente, e não no sentido proprio e preciso que tinha na antiguidade.

«É preciso estarmos preparados para um acontecimento imenso na ordem divina, para o qual marchamos com uma velocidade acelerada, que deve impressionar todos os observadores. Terríveis oráculos anunciam que os tempos estão próximos».

CAVALO BRANCO é Símbolo, é Tradição. Presente na emblemática de todas as Idades e em todas as civilizações, aparece tanto nos vestígios de MU, o continente perdido, como nas lendas dos Quetzals, na arte Maya, nas «tablettes» Naacals, nos petróglifos dolmênicos, nas insculpturas rupestres... na própria hagiografia cristã: eis que o cavaleiro S. Jorge (ou Akdorge, segundo os tibetanos) vence o Dragão montado no seu Corcel Branco!

Mas CAVALO BRANCO, além de Tradição, é também Sinal e Mistério. Símbolo do Cristo de Aquarius, pouco importa o seu nome (Maitreya, para os tibetanos; Chenrazi, para os mongóis; Iman Mahdi, para os muçulmanos; Sossloh, para os persas) ele expressa o Avatar Branco do Ocidente, o Instrutor da Humanidade para o próximo futuro.

CAVALO BRANCO é assim Futurologia, Aventura. Acaso a caducidade e a confusão deste século não preludiam o advento de Novos Tempos, da profética Idade de Ouro do Terceiro Milênio, a Satya-Yuga tão celebrada pelos poetas e pela Sabedoria Iniciática como ciclo de paz, de bem-aventurança para a Humanidade?

Quase mau grado seu, tem o Homem de viver sua aventura, essa imersão no futuro, esse «Salto de Cavalos» no Desconhecido. Por que não decidir-se, então, por que não tentar a sua Grande Aventura no dorso do CAVALO BRANCO?

